N°1

PERIÓDICO LITERÁRIO
INDEPENDENTE

VÓS QUE SEM LES

VQML-2024-001-V1

O QUE É A POESIA HOJE?

E MAIS

VIDA E OBRA DE
NOÉMIA DE SOUSA

ENTREVISTA
COM O CRÍTICO BR

RESENHA DE
LORDE PONCHO DE
PRYMSWOOD

VIDA E OBRA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

LITERATURA LGBTQIA+

A CRÍTICA SOCIAL EM A IGREJA DO DIABO
(Machado de Assis)

VIDA E OBRA DE
ADALGISA NERY

Antologia *Poética(2024)*

Com 49 Poetas publicados

+ ENTREVISTAS COM
ORNÉLIA GOECKING OTONI
DARLON CARLOS

CRÔNICA DE OLGA OLIVETTI

Contista & Poeta

EDITORIAL
PERIÓDICO INDEPENDENTE

VÓS QUE ME LÊS É UM PROJETO SEM FINS LUCRATIVOS, SONHADO E IDEALIZADO POR DIVERSOS COLABORADORES QUE CONOSCO ATUAM DE FORMA VOLUNTÁRIA

DIRETOR DE REDAÇÃO:
FILIPPI F. KINSHUK

DIRETOR DE ARTE:
ALBERTO NOBRE D. LOPES

REVISÃO:
BRENO R. IZIDORO

DIAGRAMAÇÃO:
CINTIA H. W. MELLO

DESIGN DE CAPA:
KENJI Y. UEDA

MARKETING INSTAGRAM:
KASSANDRA ELLEANORA

COLABORAÇÃO:
OLGA OLIVETTI
FRED SKARR
DENIS R. QUEIROZ
ARNALDO Y. VASCONCELOS
PAULO PLÍNIO R. SOARES
ELIZANDRO B. LEMOS

O QUE É A POESIA HOJE?

A Reinvenção da Palavra: A Poesia Como Reflexo da Sociedade Contemporânea

A poesia contemporânea, longe de trair seus antecessores, os honra ao continuar a explorar os recônditos mais profundos do espírito humano

Reprodução do Google / Poeta brasileira Cecília Meireles

A poesia hoje é um campo vasto, que abarca tanto o lirismo pungente quanto o experimentalismo ousado, sendo um espelho da diversidade do espírito humano. Há quem sustente que a profundidade de outrora se perdeu, que a estrutura rígida e os versos meticulosamente construídos deram lugar a uma fluidez que desafia os cânones. Contudo, seria imprudente e até mesmo injusto sugerir que os novos rumos da poesia são inferiores àqueles traçados pelos grandes mestres. O que se vê, ao invés de um declínio, é uma transformação.

Reprodução do Google / Poeta angolano Arlindo Barbeitos

Onde antes havia uma reverência à página impressa, hoje, os versos encontram abrigo nas redes sociais, sendo partilhados em tempo real

Nos dias que correm, a poesia, essa expressão sublime da alma humana, atravessa um novo momento de renovação e reinterpretação. No turbilhão das vozes contemporâneas, a palavra poética continua a pulsar com vigor, ainda que por veredas distintas daquelas traçadas pelos grandes mestres de outrora. Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Augusto dos Anjos, Mario Quintana e o angolano Arlindo Barbeitos, cujas obras ecoam nas almas com o peso e a leveza de tempos passados, erguem-se como baluartes inegáveis da literatura poética. No entanto, à medida que o mundo avança, também a poesia se adapta, reflete e reverbera os novos paradigmas da sociedade contemporânea.

Reprodução do Google / Drummond de Andrade

Se Carlos Drummond de Andrade, em sua prosa poética repleta de ironia e pessimismo, versava sobre a angústia existencial e o absurdo da vida moderna, os poetas de hoje carregam essa tocha de inquietação, mas com olhos postos em outras questões que lhes são mais próximas. A individualidade, a política da identidade, as questões ambientais e a tecnologia se imiscuem em seus versos, de forma que o olhar crítico sobre a existência, tão próprio do modernismo de Drummond, agora dialoga com a era digital e os seus dilemas. A forma como a poesia é lida e compreendida se democratizou, permeando novos espaços. Onde antes havia uma reverência à página impressa, hoje, os versos encontram abrigo nas redes sociais, partilhados em tempo real.

Cecília Meireles, por sua vez, com a musicalidade e o misticismo de sua poesia, veria, certamente, com fascínio a maneira como o poético atual explora novos formatos, mesmo que em espaços digitais e efêmeros.

Não se trata de um simples abandono da tradição, mas de uma reconfiguração de sua essência. O lirismo de Meireles, ainda que profundamente ancorado no passado, dialoga com o espírito etéreo que muitos poetas contemporâneos buscam, seja na liberdade formal ou na expressão de subjetividades que se desdobram de forma menos rígida.

Augusto dos Anjos, por sua vez, aquele cuja poesia explora o grotesco e a miséria humana de forma visceral, encontraria ressonância na vertente sombria e por vezes brutal da poesia que se faz hoje. Os poetas contemporâneos, como ele, continuam a explorar as margens da experiência humana, não hesitando em falar sobre os temas mais ásperos e menos palatáveis da nossa existência. Em um mundo que atravessa crises sociais, ambientais e existenciais sem precedentes, o pessimismo cósmico de Augusto dos Anjos ecoa com força, ainda que expressado de forma distinta.

Reprodução do Google / Augusto dos Anjos

Por fim, Arlindo Barbeitos, com sua poesia engajada que reflete as lutas e as dores de um continente africano marcado pelo colonialismo e pela busca incessante por identidade, também nos traz um vislumbre do que muitos poetas contemporâneos perseguem hoje: a poesia como forma de resistência. Em tempos de grandes transformações sociais e lutas por justiça, os poetas contemporâneos, como Barbeitos, veem na palavra um instrumento de mudança, uma ferramenta para questionar e desafiar as estruturas que os cercam.

A CRÍTICA SOCIAL EM ‘A IGREJA DO DIABO’

POR PAULO PLÍNIO R. SOARES

Machado de Assis, o mestre inigualável das letras brasileiras, sempre foi conhecido por sua capacidade de dissecar as fraquezas e hipocrisias da sociedade com uma sutileza e inteligência incomparáveis. Entre as suas obras mais emblemáticas, "A Igreja do Diabo", um dos contos publicados na coletânea Histórias Sem Data (1884), destaca-se como um dos exemplos mais notáveis da sua crítica social, oferecendo ao leitor uma reflexão profunda sobre a natureza humana, as instituições e o poder das crenças.

Em "A Igreja do Diabo", Machado coloca o Diabo como protagonista em uma sátira mordaz, onde a figura do Maligno, cansado de seu papel marginalizado no conflito entre o bem e o mal, resolve criar sua própria igreja, uma instituição voltada exclusivamente para promover e glorificar o vício. A narrativa, carregada de humor e ironia, torna-se o palco para que Machado de Assis exercite sua crítica sobre os comportamentos humanos e a fragilidade das virtudes, sempre de maneira a nos confrontar com os paradoxos da nossa própria existência. Machado de Assis, com sua habitual elegância, constrói o conto de modo a expor as incoerências da sociedade de sua época – embora, por sua genialidade, as mesmas críticas ainda ressoem nos dias de hoje. No mundo fictício que o Diabo almeja criar, onde os vícios seriam celebrados e as virtudes desprezadas, o autor faz uma crítica aguda ao modo como as instituições religiosas e sociais muitas vezes se sustentam em ideais que, na prática, não são seguidos por seus membros.

Foto reprodução wikipédia / Machado de Assis

"A Igreja do Diabo" permanece uma obra atemporal, pois, embora escrita no final do século XIX, toca em questões que continuam a ser relevantes na sociedade contemporânea. A crítica social de Machado de Assis transcende as circunstâncias específicas de sua época e lança luz sobre temas universais: a hipocrisia, a vaidade, a dualidade moral e a fragilidade das instituições. O autor nos lembra que, apesar das aparências, o ser humano é um ser complexo, movido por forças que muitas vezes escapam ao controle de qualquer sistema de crenças ou regras sociais.

O conto revela a maestria de Machado de Assis ao criar uma narrativa que, além de entreter, força o leitor a refletir sobre sua própria condição e sobre as estruturas que compõem a sociedade. Em última instância, "A Igreja do Diabo" nos desafia a questionar o que realmente move nossas ações: são os preceitos morais que professamos ou os desejos e interesses ocultos que raramente admitimos? Uma reflexão, sem dúvida, tão pertinente hoje quanto foi em sua época.

POR DENIS R. QUEIROZ

Adalgisa Nery
VIDA & OBRA

DEZ 2024

REPRODUÇÃO GOOGLE / ADALGISA NERY

Adalgisa Nery (1905–1980) foi uma escritora, poeta e jornalista brasileira, cuja vida e carreira se entrelaçam com a história política e cultural do Brasil. Nascida no Rio de Janeiro, foi casada com o pintor modernista Ismael Nery e, após sua morte, com o político Lourival Fontes. Além de seu trabalho literário, Adalgisa teve uma intensa participação na política, sendo eleita deputada pelo Partido Comunista Brasileiro na década de 1940 e, posteriormente, exilada após o golpe militar de 1964.

Sua obra reflete tanto o contexto conturbado de sua época quanto uma sensibilidade aguda às questões existenciais e sociais, revelando uma autora que transitava entre o ativismo político e a introspecção poética. O fim de sua vida foi marcado pela solidão e pela melancolia, culminando em sua morte em 1980.

PRODUÇÃO LITERÁRIA

Adalgisa Nery produziu uma literatura profundamente introspectiva e de forte carga emocional. Seus textos exploram o universo feminino, o desamparo existencial e a crítica social, temas centrais de sua escrita. Sua obra mais famosa, "A Imaginária" (1959), é um romance de traços psicológicos que revela a luta de uma mulher contra a solidão, a opressão e a busca por identidade em meio às convenções sociais de sua época. O livro é conhecido por seu estilo lírico e sua profundidade psicológica, sendo considerado um marco da literatura brasileira.

Além de "A Imaginária", Nery também se destacou na poesia com títulos como "Ar do Deserto" (1943) e "As Fronteiras da Quarta Dimensão" (1958), que tratam da angústia existencial e do questionamento sobre o papel do indivíduo na sociedade.

A fusão entre a vida pessoal turbulenta de Adalgisa e sua visão política e filosófica dá à sua obra um caráter único, que ainda hoje reverbera na literatura e no pensamento feminista brasileiro.

CURIOSIDADE

Uma curiosidade sobre Adalgisa Nery é que ela foi inspiração e musa para grandes nomes da arte e da literatura brasileira. Durante seu primeiro casamento com o pintor Ismael Nery, ela serviu como modelo para diversas de suas obras surrealistas. Além disso, sua forte personalidade e beleza marcaram a cena cultural de sua época, e figuras como o poeta Murilo Mendes, amigo íntimo de Ismael, também a mencionaram em seus escritos. Adalgisa, por sua vez, navegava com desenvoltura entre artistas, intelectuais e políticos, o que enriqueceu sua própria produção literária.

contato: vosquemeles@gmail.com

ANTOLOGIA

POÉTICA (2024) | 49 POETAS PUBLICADOS

A literatura brasileira recebe, neste 2024, uma contribuição significativa para o cenário poético contemporâneo, com a publicação da aguardada Antologia Poética 2024. Reunindo a sensibilidade e a criatividade de 49 poetas, a obra é um verdadeiro tributo à diversidade e à profundidade da poesia nacional, destacando vozes que, com maestria e ousadia, souberam capturar as nuances da experiência humana. Este notável feito celebra não apenas a arte de escrever, mas também a capacidade dos poetas de traduzirem, em versos, os sentimentos mais íntimos e complexos.

Em uma seleção cuidadosa, que reflete um alto padrão literário, a Antologia Poética 2024 se apresenta como uma obra que une técnica refinada e autenticidade, apresentando uma ampla gama de estilos, temas e abordagens que abrangem a riqueza da tradição literária brasileira e a inquietude das novas gerações de poetas. Cada um dos 49 poetas traz consigo uma visão única da realidade, seja por meio de imagens sensoriais, simbolismos marcantes ou reflexões filosóficas.

Aos 49 poetas são:
FPA, Glagajo, Anya H. T., Desordem, Claudio Rafael, Carlos Frederico, Agnaldo Araujo, A Garota da Cartola, Ana Carolina Morlin, Caroline Pereira Bielewski, Christina Barbosa, Egiselda Brum Charão, Francisco Gonçalves, Tchesca Oliveira, Glória Fernandes, ítalo Rafael Lima Dourado, Jéssica Alencar, João Diego Costa, Jorge Santos, Lella Souza Queiroz, Leonardo Augusto, Letícia de Abreu Gomes, Liécifran Borges Martins, L. S. Alexandre, Lucas Nicolau de Lima, Luísa Vieira, Lyta, Marcelino Rodrigues Cutrim Netto, Marcos Marcelo Lírio, Michel Fonseca, Milena Roberta Jurado Alves, Nanda Érica, Ornélia Goecking Otoni, Pleasure Hestia, Priscila Trindade de Aguiar, Rafael Vungee, Raquel Dantas Pluma, Roger Bastos, Rosangela Calza, Ruan Vieira, Samira Souza, Sandro Sebastião, Simone Reis, Sonia Maziero, Tamy Simões, Tony Gabriel, Troya D'Souza, Valéria Barreto e Vander Castro.

INSTAGRAM @VOSQUEMELES

VÓS QUE ME LÊS

2024

NOÉMIA DE SOUSA

VIDA & OBRA

Noémia de Sousa é considerada uma das grandes figuras da literatura angolana e da literatura africana de língua portuguesa

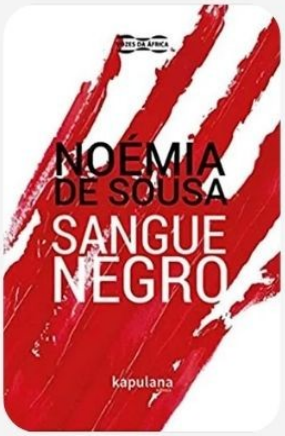
Noémia de Sousa, uma das vozes mais originais da literatura angolana, nasceu em 27 de dezembro de 1926, na cidade de Luanda, então parte do Império Colonial Português. Filha de um pai português e de uma mãe angolana, Noémia cresceu em um ambiente que refletia as tensões entre as culturas coloniais e africanas, uma dualidade que influenciou profundamente sua obra literária.

Na juventude, Noémia foi exposta à rica tradição oral angolana e à literatura portuguesa, desenvolvendo um amor pela poesia que a acompanharia ao longo da vida. Em 1947, aos 21 anos, ela se muda para Portugal, onde começa a estudar Filosofia e História da Arte na Universidade de Lisboa. Durante sua estadia em Portugal, Noémia convive com uma geração de escritores e intelectuais que lutavam contra o regime ditatorial do Estado Novo, período que intensificou suas preocupações com a opressão e a injustiça social.

Após a independência de Angola em 1975, Noémia retornou ao seu país natal e se tornou uma figura ativa na cena cultural e política.

Fotografia reprodução google / Noémia de Sousa

Ela foi uma das fundadoras da União dos Escritores Angolanos e também participou ativamente de várias iniciativas voltadas para a promoção da literatura e da cultura angolana. No entanto, a sua vida também foi marcada por tragédias pessoais, incluindo a morte de um de seus filhos durante a guerra civil angolana.
Noémia de Sousa faleceu em 2002, deixando um legado literário que continua a inspirar novas gerações de escritores e leitores.



Este é um dos seus livros mais emblemáticos, onde a poetisa utiliza a metáfora do "sangue negro" para discutir a luta pela liberdade e a resistência do povo angolano. Com versos poderosos, Noémia aborda temas como a identidade, a memória coletiva e a busca pela dignidade em meio à adversidade.

OBRA

A obra de Noémia de Sousa é vasta e variada, abrangendo poesia, ensaios e crônicas. Ela é reconhecida principalmente como uma poeta, e sua produção poética é marcada por uma profunda sensibilidade social e uma forte conexão com a identidade africana.

POESIA

"O que é a poesia?", Um dos seus primeiros livros, lançado em 1953, é uma coletânea que reflete suas preocupações com a condição humana e as lutas do povo angolano sob o colonialismo. A poesia de Noémia é caracterizada por um lirismo intenso e uma busca por autenticidade, onde as imagens da terra, da natureza e da cultura angolana se entrelaçam com a dor da opressão e a esperança de libertação.

"Sangue negro" (1963), Este é um dos seus livros mais emblemáticos, onde a poetisa utiliza a metáfora do "sangue negro" para discutir a luta pela liberdade e a resistência do povo angolano. Com versos poderosos, Noémia aborda temas como a identidade, a memória coletiva e a busca pela dignidade em meio à adversidade.

"Caminho de pedra" (1972), Neste livro, a autora explora questões de identidade e pertencimento, refletindo sobre a relação entre os angolanos e a sua terra. Sua poesia se torna uma afirmação da cultura africana, celebrando a riqueza das tradições e a força do povo angolano.

PROSA

Além da poesia, Noémia também escreveu crônicas e ensaios que abordam a condição da mulher angolana e os desafios enfrentados pela sociedade pós-colonial. Em suas obras, ela frequentemente discute o papel da mulher na luta pela independência e na construção da nova Angola, posicionando-se como uma voz feminista antes de sua época.

LEGADO

Noémia de Sousa é considerada uma das grandes figuras da literatura angolana e da literatura africana de língua portuguesa. Seu trabalho não apenas abre espaço para a voz feminina na literatura, mas também enriquece o panorama literário angolano com sua perspectiva única e sua linguagem poética. Ela é uma referência para escritores contemporâneos, e sua obra continua a ser estudada e apreciada tanto em Angola quanto internacionalmente.
O seu legado é uma celebração da cultura africana, da luta pela liberdade e da força da mulher, fazendo dela uma das maiores poetisas da literatura lusófona. Noémia de Sousa, com sua poesia visceral e sua prosa eloquente, permanece uma fonte de inspiração e uma figura central na luta pela justiça social e cultural em Angola e além.

BORIS É CRÍTICO FREELANCER E JÁ CONTRIBUIU COM SUAS AVALIAÇÕES INCISIVAS PARA DIVERSOS VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO

INSTAGRAM @o.critico.br

1. O que o motivou a se tornar um crítico literário?

Resposta: Desde a juventude, sempre tive uma paixão genuína pela literatura, pela maneira como as palavras podem refletir as complexidades da condição humana. A crítica literária me permite unir esse amor pelos livros à análise dos textos, proporcionando um diálogo enriquecedor com os autores e contribuindo para a apreciação da literatura.

2. Como você vê a evolução da crítica literária no Brasil nas últimas décadas?

Resposta: A crítica literária no Brasil passou por grandes transformações significativas, especialmente com o advento da internet e das redes sociais. Hoje, há uma diversidade de vozes e estilos que enriquecem o debate. Novas correntes, como a crítica feminista e a crítica de gênero, trouxeram à luz questões que antes eram negligenciadas.

3. Acredita que a crítica literária ainda desempenha um papel importante na formação de leitores?

Resposta: Sem dúvida! A crítica literária é essencial para ajudar os leitores a desenvolver um olhar mais crítico e profundo sobre a literatura. Ela oferece contextos, interpretações e reflexões que enriquecem a experiência da leitura. Sem a crítica, muitas obras poderiam passar despercebidas ou serem mal compreendidas.

4. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao escrever críticas para jornais e revistas?

Resposta: Um dos maiores desafios é encontrar o equilíbrio entre ser acessível e manter a profundidade da análise. Além disso, a pressão por prazos curtos pode comprometer a qualidade da crítica. É também um desafio lidar com o preconceito que alguns críticos enfrentam ao comentarem sobre obras contemporâneas, que muitas vezes são vistas com desdém por uma parte do público mais conservador.

5. Como você se prepara para criticar um livro?

Resposta: O meu processo geralmente começa com uma leitura atenta e sem preconceitos. Procuro entender as intenções do autor, o contexto histórico da obra e a recepção crítica que teve até então. Faço anotações sobre trechos que me chamam a atenção e reflito sobre os temas, a linguagem e a estrutura. Após essa fase, organizo minhas ideias para articular uma crítica que seja informativa e provocativa.

6. Que conselho você daria a jovens críticos que estão começando agora?

Resposta: Meu conselho seria ler com paixão amplamente e diversificadamente. É essencial se expor a diferentes estilos, gêneros e culturas. Além disso, desenvolver uma voz própria e não temer expressar opiniões, sempre com respeito e embasamento, é fundamental. A prática da escrita e a troca de ideias com outros críticos e leitores são vitais para o crescimento nessa profissão.

Imagem cedida pelo entrevistado

Lorde Poncho
de Prymswood

O autor, que desde sua estreia com a obra "Fragmentos da Inocência" atua de maneira independente no cenário literário brasileiro, já alcançou a impressionante marca de mais de 5.600 cópias físicas vendidas. Um feito extraordinário, que evidencia seu talento e dedicação. Desde então, ele vem ampliando seu público a cada dia, conquistando leitores e consolidando sua presença no universo literário com maestria.

Orange Grim, pseudônimo do autor que também atende pelos nomes de Fred Skarr e Fyfer Atman, é um escritor e ilustrador brasileiro, que igualmente atua no campo da pesquisa cultural, do pseudojornalismo e na organização de antologias. Ao longo de sua carreira, já contribuiu com poemas e crônicas para revistas tanto no Brasil quanto no exterior, incluindo publicações em Portugal, Estados Unidos, Inglaterra e Espanha. Seus textos, traduzidos para outros idiomas, demonstram a amplitude de sua escrita. Desde o lançamento do romance de fantasia "Fragmentos da Inocência", Grim vem expandindo seus três universos literários, cada um publicado sob um de seus três pseudônimos distintos.

Lorde Poncho de Prymswood é uma novela épica de fantasia repleta de magia e mistério, que nos transporta a um universo fascinante criado pelo autor brasileiro Orange Grim. Neste livro, Grim combina sua habilidade narrativa com uma construção de mundos rica e detalhada, oferecendo uma experiência literária envolvente que captura a imaginação de jovens e adultos. O autor demonstra um profundo envolvimento com os mundos de fantasia, que não apenas servem como cenário para suas histórias, mas como ambientes dinâmicos que refletem suas ideias e emoções. Grim se compromete incessantemente com a expansão de seus universos literários, incorporando elementos que provocam reflexão e emoção. Suas narrativas são caracterizadas por uma atenção meticulosa aos detalhes, que tornam cada ambiente vívido e palpável, permitindo que os leitores mergulhem plenamente nas aventuras e dilemas enfrentados por seus personagens. "Lorde Poncho de Prymswood" é mais do que uma simples história; é uma porta de entrada para um reino onde a magia e a complexidade da condição humana coexistem, convidando o leitor a explorar os limites do imaginário e a refletir sobre as nuances da vida através de sua escrita rebuscada.

Além disso, a paixão de Grim pela astronomia, ciências e filosofia se reflete em sua escrita, criando mundos que não apenas fascinam, mas que também provocam uma reflexão profunda sobre a existência. Sua capacidade de integrar elementos científicos e filosóficos em narrativas de fantasia sombria enriquece ainda mais suas obras, tornando-as multifacetadas. A prosa de Grim é marcada por uma linguagem poética e descritiva, capaz de criar imagens vívidas que transportam o leitor para os cenários fantásticos que ele habilmente constrói. Os mundos que ele cria são densos e repletos de detalhes, oferecendo uma experiência imersiva que convida o leitor a explorar cada canto e recanto.

A narrativa aborda temas universais, como a luta entre o bem e o mal, a busca pela identidade e o impacto das escolhas que fazemos ao longo da vida. Os dilemas enfrentados por Lorde Poncho reverberam com questões contemporâneas, tornando a história relevante para o público atual.

Orange Grim, conhecido por suas descrições longas e meticulosas, ele transporta o leitor para universos de riqueza visual e profundidade psicológica, com um estilo de escrita que evoca a era clássica da literatura. As palavras de Grim não apenas contam histórias; elas fazem por construir mundos, meticulosamente detalhados, tais quais, quase palpáveis, onde cada frase se desenrola com uma solenidade elegante e onde a narrativa é guiada pelo rigor da linguagem rebuscada.

Fortemente inspirado pela obra de Charles Dickens, Grim reflete em sua escrita o mesmo amor pelas descrições ricas e pela construção de personagens vívidos e multifacetados. Esse estilo também é permeado por um vocabulário clássico, onde palavras antigas ressoam, aproximando o leitor de uma atmosfera nostálgica e ao mesmo tempo rica e envolvente, como um tributo aos mestres do passado.

Além de Dickens, a obra de Grim demonstra um grande respeito por outros gigantes da literatura, como J.R.R. Tolkien, cuja criação de universos vastos e interligados inspirou Grim a desenhar mapas detalhados para cada uma de suas histórias. Tal como Tolkien, Grim povoa seus mundos com uma variedade de criaturas fantásticas e enigmáticas, que vagam por florestas sombrias, montanhas distantes e vilarejos esquecidos. Cada mapa é mais do que uma representação geográfica; é um portal que o leitor explora junto ao autor, compreendendo a ligação viva e pulsante entre cada personagem, região e evento, numa teia habilmente elaborada.

Ainda que seu coração pertença a Dickens e Tolkien, Orange Grim não se furta a absorver elementos de Clarice Lispector, Machado de Assis e Virginia Woolf. Ele compartilha com Clarice a profundidade introspectiva e a busca pela essência, com Machado a ironia sutil e a análise da sociedade, e com Woolf, a sensibilidade na narrativa e a complexidade psicológica. Essas influências se entrelaçam de maneira inteligente e harmoniosa em suas criações, onde a fantasia dialoga com a filosofia, o sonho se encontra com a realidade e o épico encontra o humano.

Outro aspecto encantador na obra de Grim são seus personagens cativantes, que ganham vida em seus universos interligados. Há uma inteligência ímpar na forma como ele conecta cada ser vivo, cada região e cada acontecimento, como se todos fossem peças de um vasto e intrincado quebra-cabeça. Tal detalhamento atrai o público com força incomum, especialmente leitores que apreciam a profundidade e a complexidade, aqueles que buscam não apenas uma narrativa, mas uma experiência imersiva.

A mescla de longas descrições, riqueza de palavras clássicas e um amor declarado pelos gigantes da literatura tornam Orange Grim uma figura singular no cenário literário. Seu público, seduzido por esse estilo único, é convidado a revisitar uma era passada da literatura enquanto mergulha em universos originais e encantadores, feitos sob medida para cativar, emocionar e inspirar.

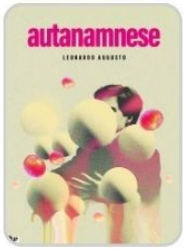
ORIGEM DO PSEUDÔNIMO

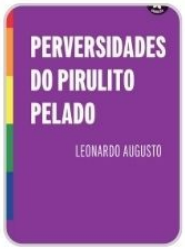
Segundo o autor, o nome Orange Grim parece tê-lo escolhido, como se aguardasse pacientemente o momento certo para se revelar, e não o contrário. Grim enxerga este pseudônimo como um presente concedido pela própria essência divina, uma inspiração sublime que, através das palavras, se manifesta. Para ele, o nome é mais do que uma simples assinatura; é quase um amuleto literário, um símbolo carregado de mistério e de uma energia especial que o conecta à sua criação. Ao unir as palavras “Orange” e “Grim”, ele sentiu que evocava um universo próprio, algo quase mágico e dotado de uma essência única. Essa escolha (que em sua tradução soa divertida) que parece ter vindo das próprias forças da inspiração, reflete a dualidade de sua escrita: o equilíbrio entre o etéreo e o sombrio, o vibrante e o introspectivo, como se o pseudônimo, por si só, fosse uma personificação de seu mais profundo e intenso espírito criativo.

LEONARDO AUGUSTO

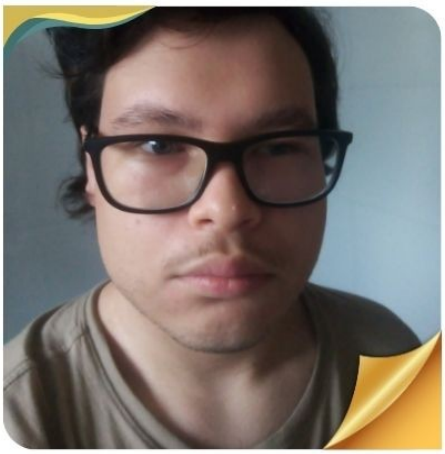
Leonardo Augusto, nascido em 1997 em Caraguatatuba/SP, é poeta, técnico de arquivos, produtor cultural e autointitulado "falso caiçara." Desde cedo dedica-se à poesia, com inúmeras participações em concursos e coletâneas literárias, onde traz à tona, com sensibilidade e voz queer, as complexidades do ser. Atuante no Arquivo Histórico de Caraguatatuba, preserva a memória da cidade enquanto explora, como escritor, o subtexto emocional e as "feiuras" implícitas da existência humana.

Em 2024, lançou seu primeiro livro, Autanamnese, pela Editora TAUP, e, em seguida, Perversidades do Pirulito Pelado, pela Editora Comala, integrando a Coleção Plaquetes Baunilha, com outros autores LGBTQIAPN+, via financiamento coletivo. Convidado a apresentar-se na Casa Gueto durante a FLIP 2024, Leonardo continua a promover a literatura local através da Comissão Setorial de Literatura de Caraguatatuba e atividades culturais com autores de sua região.



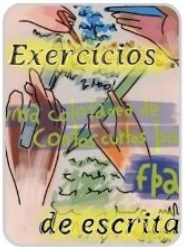


Em "Autanamnese" e "Perversidades do Pirulito Pelado", Leonardo Augusto conduz o leitor por uma jornada de autoconhecimento e aceitação, questionando as fronteiras da identidade e o desejo de se ver no outro. Em "Autanamnese", Augusto propõe uma autoanálise que transcende dualidades e convida a reimaginar o "eu" a partir do reflexo no outro. Já em "Perversidades do Pirulito Pelado", o autor explora as dores e anseios da experiência queer, abordando com poesia a busca por amor e aceitação, desafiante aos julgamentos sociais. Ambas as obras entrelaçam-se em uma profunda reflexão sobre o desejo de se pertencer e ser aceito na totalidade de quem se é.



FREDERICO PAIM ANTUNES

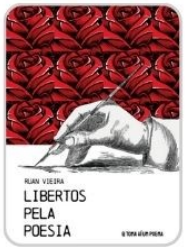
Frederico Paim Antunes, conhecido como fpa, nasceu em 3 de julho de 2004 em Santa Maria, RS, e desde a infância desenvolveu um profundo interesse pela escrita. Estudou em escolas públicas, e aos 17 anos, durante a pandemia, começou a escrever contos enquanto cursava o segundo ano do ensino médio. Em 2022, no terceiro ano, descobriu a poesia através de Augusto dos Anjos, o que o inspirou a criar seus primeiros versos. Em 2023, Frederico ingressou no curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde se dedicou à leitura e uniu literatura e arte em suas pesquisas, escrevendo poemas para cada trabalho realizado. No final do primeiro semestre de 2024, voltou-se para concursos literários, sendo aprovado em duas antologias digitais e publicando seu primeiro e-book na Amazon. Além disso, começou a publicar histórias semanais no Wattpad e versões em áudio no Spotify. Ele também planeja concluir seu primeiro romance, A Ordem dos Manequins, iniciado em 2020.

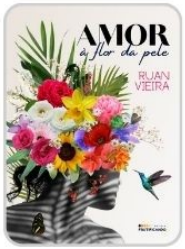


Em "Exercícios da Escrita," contos são narrativas curtas cuja extensão fica a critério do autor, variando de longas páginas a parágrafos concisos, escritos rapidamente para serem lidos em momentos breves, como em um ônibus ou em um asilo. Por sua vez, "Jorge, A Próxima Partida e Mais Algumas Outras Coisas" retrata um dia qualquer, onde mesas circulares e xícaras repletas refletem a rotina dos personagens que seguem as regras da vida, sem vencedores. Para Jorge e os demais, a agonia do tempo — passado ou futuro — é particularmente cruel. Nesta coletânea, os contos e poesias apresentam uma ordem quase cronológica, evidenciando as lutas individuais contra as regras do tempo e culminando na inevitável rendição à próxima partida que a vida impõe.

RUAN VIEIRA

Ruan Vieira, jovem poeta e estudante universitário natural de Aracaju, Sergipe, destacou-se no I Prêmio Libri de Literatura da Academia Interamericana de Escritores (AINTE), onde conquistou o segundo lugar na categoria "Poesia" com sua obra "Libertos pela Poesia", publicada em 2022. Desde a infância, Ruan, cujo nome de nascimento é Clenisson Ruan dos Santos Vieira, foi influenciado pela literatura e música, dedicando-se à poesia há quase dezessete anos. Ele é autor de "Amor à Flor da Pele" (2023) e do romance "Lucinda: Eterna Mulher que Amei" (2023), sob o heterônimo José Vicente. Em 2018, obteve seu primeiro troféu no XXXI Encontro Cultural de Propriá com a poesia "Sonhar", e, no mesmo ano, venceu um concurso em celebração aos 300 anos da Paróquia local. Mais recentemente, em 2023, Ruan foi novamente reconhecido no XXXV Encontro Cultural de Propriá, destacando-se com a poesia "Esse Céu do meu Sertão".

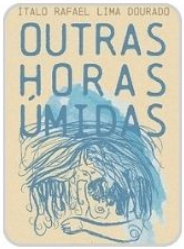




Ruan Vieira se aventurou na produção de contos e minicontos, destacando-se com uma sátira sobre a sociedade brasileira em 2019, influenciado por Lima Barreto e George Orwell. Foi autor na "Revista Literatura Errante" e uma das vozes do podcast "Literatura Já!". Seus poemas figuram em diversas antologias e revistas digitais, incluindo "No fim tem Poesia" (2021) e "Poesia Fora do Eixo" (2022). Ruan também participou das antologias "Vozes que se encontram" (2022) e "Frutos" (2023), além de ter contribuído com poemas para "Turmalina" e "Poesia Viva" (2024). Ele foi selecionado para as 12ª e 13ª edições da "Antologia Microconto de Humor Piracicaba".

ÍTALO RAFAEL LIMA DOURADO

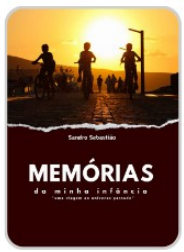
Ítalo Rafael Lima Dourado, natural da cidade de Sobral, no estado do Ceará, destaca-se como um autor no domínio da poesia. Suas obras incluem "Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade", um livro de poesias lançado em 3 de setembro de 2020 com o apoio da Editora MWG, e "Outras Horas Úmidas", que harmoniza poesia e prosa, publicada em janeiro de 2022 pela Editora Toma Aí um Poema. A contribuição de Ítalo ao mundo literário se estende a diversas revistas e antologias, onde sua voz poética ressoa em publicações como a Revista Barbante e a Revista Ecos da Palavra. Ademais, participou de antologias significativas, como "A Lágrima e o Tempo", do projeto Apparere, "O Amor é um Grito", da Editora Toma Aí um Poema, e "Uma Dose de Poesia", da Editora Vila Rica. Em 2023, foi autor em destaque em uma coletânea de poesias do projeto Poesia na Escola: Verso e Prosa, publicada pela Editora Palavra é Arte.

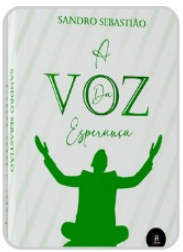


"Outra Horas Úmidas" é uma obra que reúne poesia e prosa, lançada em janeiro de 2022 pela Editora Toma Aí um Poema. Este livro destaca a habilidade do autor em transitar entre as formas literárias, proporcionando uma experiência rica e variada ao leitor. Por sua vez, "Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade" é um livro de poesias publicado em 3 de setembro de 2020, também com o apoio da Editora MWG. As duas obras revelam a sensibilidade do autor e seu talento para capturar emoções por meio das palavras. Juntas, elas mostram a profundidade e a versatilidade de sua produção literária.

SANDRO SEBASTIÃO

Sandro Sebastião, pseudônimo de Sanda Armando Mapuia Sebastião, é um jovem e multifacetado artista angolano nascido em 20 de junho, em Luanda, e residente no município de Cazenga. É um entusiasta das artes, especialmente da literatura, atuando como escritor, editor, declamador, roteirista e mentor artístico. Acadêmico certificado pelas academias brasileiras ABC e ALB, recebeu diversas honrarias, destacando-se como poeta acadêmico do mês em setembro de 2024. É membro da Brigada Jovem de Literatura de Angola, da NALLA, e de outras renomadas instituições literárias. Sandro tem textos publicados no Recanto das Letras e no portal angolano Escobreler. Participou de diversas antologias internacionais, como Tanto Mar Entre Nós (2021) e Entre Sombras e Lágrimas (2024), além de concursos literários, sendo vencedor em várias categorias. Em 2023, seu e-book Esta Noite Foi Maravilhosa foi selecionado para uma monografia acadêmica.





Sandro Sebastião, destacado escritor angolano, tem em seu repertório literário obras de grande relevância. Entre seus livros publicados, destacam-se A Voz da Esperança (setembro de 2023), um convite à reflexão sobre os desafios da sociedade contemporânea, e Como Decifrar a Mensagem de um Livro? (agosto de 2023), uma obra que serve como guia para leitores desvendarem os significados mais profundos de textos literários. Em junho de 2024, lançou Memórias da Minha Infância, uma narrativa sensível que explora as vivências e aprendizados da juventude.

LYTA

Lyta(verso), ou simplesmente Lyta, é uma carioca profundamente apaixonada pela literatura, que desde a infância encontrou nos livros não apenas um refúgio, mas também uma inesgotável fonte de inspiração. Formada em Tecnologia da Informação, nutre um fascínio particular pelos mistérios da mente humana e pelo poder das narrativas. Para Lyta, a literatura é uma ponte que conecta a racionalidade ao simbolismo da vida, evocando emoções intensas e despertando sua curiosidade sobre os aspectos mais profundos da existência. Em 2024, ela fundou o @lytaverso, seu espaço literário no Instagram, dedicado a resenhas, reflexões e à valorização da literatura nacional, com um olhar especial para os autores independentes. Nesse ambiente virtual, Lyta se entrega à autenticidade e à humanização de suas experiências, tecendo conexões entre seu mundo interior e o universo dos leitores.

Rodeada pelo carinho de seus companheiros de quatro patas – os gatos Sora e Riku, e sua fiel doguinha Coquinha –, Lyta mergulha no universo da escrita, explorando e aprimorando sua voz literária. Ela nutre o desejo de transformar ideias em livros, enxergando em cada palavra uma jornada em busca de autenticidade. Lyta é também uma autora em ascensão, com contribuições literárias notáveis. Participou da Antologia Poética 2024 e da Antologia Contos de Natal 2024, ambas publicadas sob o selo Vós Que Me Lês. Essas obras consolidam seu compromisso com a literatura e reforçam sua conexão com leitores e escritores independentes.

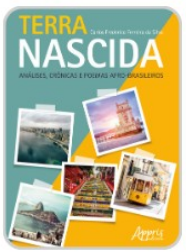
MARCELINO R. CUTRIM NETTO

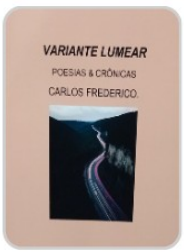
Nascido em São Luís do Maranhão, em 1969, este destacado educador é licenciado em Letras, com habilitação em Português e Espanhol, pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Alfabetização e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí, ele construiu uma carreira sólida como professor nos níveis Fundamental e Médio da rede pública, dedicando-se à formação de jovens e ao fortalecimento da educação como instrumento de transformação social. Pai de três filhos, equilibra seu papel familiar com uma atuação vigorosa em causas sociais. Militante do PSTU, sua luta política está enraizada em um compromisso com a justiça e a igualdade. Posiciona-se firmemente contra o Marco Temporal e o genocídio da população negra, bem como contra todas as formas de opressão, incluindo o feminicídio e a LGBTQIAfobia.

Marcelino Rodrigues Cutrim Netto, destacado escritor e educador, possui uma trajetória literária enriquecida pela participação em diversas antologias, consolidando seu talento como autor e colaborador no cenário literário. Entre as obras que integram seu repertório, destaca-se a Antologia Poética 2024, publicada sob o prestigiado selo Vós Que Me Lês, onde suas contribuições poéticas ganharam espaço para encantar leitores com sua sensibilidade e profundidade. Além disso, Marcelino integrou a antologia Histórias e Poemas de Terror, evidenciando sua versatilidade ao transitar por diferentes gêneros literários, explorando os recantos mais sombrios da imaginação humana.

CARLOS FREDERICO F. DA SILVA

Carlos Frederico Ferreira da Silva, nascido em 1963 no Rio de Janeiro, é um renomado educador e escritor com uma carreira dedicada à literatura e ao ensino. Graduado em Letras, com habilitação em Português e Literaturas pela FAHUPE, aprimorou sua formação com especializações em Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa pela UERJ, além de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ. Com 34 anos de experiência como professor na Rede Estadual e Particular de Ensino, Carlos Frederico é uma referência na promoção da cultura e da educação. Carlos Frederico também é editor do Boletim Ibérico Fanzine, espaço dedicado à divulgação literária. É membro de diversas e prestigiadas instituições culturais, incluindo a ALSPA, ALPAS 21, Literarte, ABARS, Academia de Letras de Teófilo Otoni, e os Núcleos de Letras e Artes de Lisboa e Buenos Aires. Sua atuação reflete seu compromisso em transcender fronteiras e ampliar os horizontes da língua portuguesa.





Autor prolífico, publicou 16 livros individuais, que incluem títulos marcantes como Escrita, Vozes do Meu Ser, Horizontes, Na Trilha do Tempo, Algumas Escritas e Terra Nascida. Além disso, participou como coautor em 86 coletâneas, contribuindo significativamente para o panorama literário contemporâneo. Sua obra se destaca pela profundidade e pela sensibilidade, abordando temas que vão da introspecção poética ao diálogo com questões sociais.

L. S. ALEXANDRE

Nascido em Avaré, São Paulo, em 1997, este jovem escritor desponta como uma voz singular na literatura contemporânea, destacando-se pela intensidade emocional de sua escrita. Formado em Ciências Biológicas em 2022, ele alia a sensibilidade poética ao rigor científico, criando textos que refletem tanto o íntimo da alma humana quanto a complexidade do mundo natural. Sua obra, composta majoritariamente por contos e poemas, é marcada por um tom melancólico e introspectivo, frequentemente explorando a angústia existencial e a impossibilidade de finais felizes. Com uma narrativa envolvente e carregada de simbolismo, o autor já publicou uma variedade de textos em diversas antologias, nas quais sua habilidade de tecer histórias profundas e universais tem cativado leitores. Em seus poemas, o lirismo se mescla à dor, trazendo à tona reflexões sobre a fragilidade da condição humana, enquanto seus contos mergulham nas sombras da psique.

Entre as importantes participações em coletâneas literárias, destacam-se a Antologia Poética 2024, publicada sob o selo Vós Que Me Lês, e a Antologia Réquiem: Preces para os Mortos, uma obra de temática profunda e comovente. Essas contribuições não apenas evidenciam o alcance de sua escrita, mas também reafirmam sua habilidade de transitar entre diferentes estilos e gêneros literários, adaptando sua voz única às diversas nuances de cada projeto. A profundidade de seus textos e a sensibilidade com que aborda temas universais, como a melancolia, a mortalidade e os dilemas da existência, têm atraído a atenção de leitores.

SONIA MAZIERO

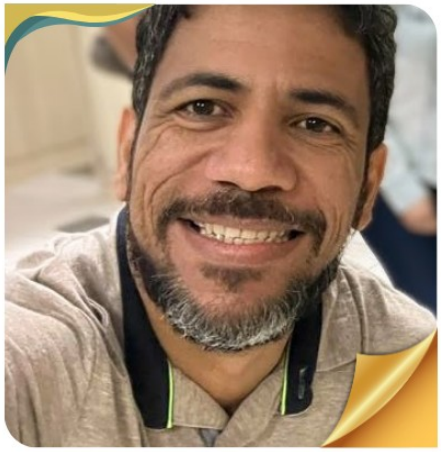
Sônia Maziero, natural de Campinas, São Paulo, descobriu desde jovem nas palavras uma forma sublime de explorar as profundezas da vida e expressar os mais íntimos sentimentos. Com uma sensibilidade que se reflete em sua escrita, ela começou a se dedicar à literatura como um simples hobby. A escritora acredita que a escrita é uma ferramenta poderosa de autoconhecimento, além de ser uma maneira de criar conexões profundas com outras pessoas. Suas poesias abordam temas universais como o amor, a saudade, a dor e a solidão, refletindo sua própria jornada emocional e o seu olhar atento para as complexidades da vida humana. Aos 54 anos, movida pelo desejo de compartilhar suas poesias com o mundo, Sônia se lançou no site Recanto das Letras, onde suas obras têm tocado o coração de muitos leitores que se identificam com suas emoções e inquietações.

Atualmente, Sônia está imersa no trabalho de seu primeiro livro, intitulado É Preciso Navegar Nas Emoções, uma coleção de poesias e reflexões que revelam sua intimidade poética. Mais do que uma realização pessoal, esse projeto é um convite para que seus leitores embarquem em uma viagem emocional, explorando a beleza e as complexidades dos sentimentos humanos. Com um olhar sensível e atento ao mundo ao seu redor, Sônia continua a se dedicar à escrita, acreditando firmemente que, independentemente das adversidades, nunca é tarde para se reinventar e buscar a felicidade. Em 2024, a autora fez parte da Antologia Poética, publicada sob o selo Vós Que Me Lês, confirmando sua presença no cenário literário contemporâneo.

NANDA ÉRICA

Nanda Érica, natural e residente de Ceres, Goiás, é uma escritora e estudante dedicada aos estudos de Letras Português e Inglês, além de técnica em Tradução e Interpretação de Libras. Além de sua obra solo, Nanda participou de várias antologias, incluindo Vós Que Me Lê, e Do Meu Livro Não Me Livro, com temas como dependência online, o que evidencia sua habilidade em explorar questões contemporâneas por meio da literatura. Em 2024, ela está comprometida com projetos em quatro antologias e planeja o lançamento de seu segundo livro, Amor & Redenção, além de trabalhar na possível continuação de O Legado das Estrelas 2: O Colapso Estelar. A autora publicou em plataformas digitais, com mais de 50 poemas e frases filosóficas publicadas no site Pensador. No Wattpad, compartilha contos como Testamento de um Coração, Aventura no Hotel Fantástico, Magia do Natal e Entre Bytes e Brincadeiras.

Sua paixão por essas formas de expressão cultural também se reflete em suas obras literárias, que frequentemente exploram esses temas. Antes de se dedicar integralmente à literatura, ela foi youtuber e ainda mantém um canal com mais de 5 mil inscritos. Em termos de projetos futuros, Nanda planeja traduzir suas obras para o inglês e interpretá-las em Libras, incluindo seus poemas, ampliando ainda mais a acessibilidade de seu trabalho. Sua presença nas redes sociais, especialmente no Instagram (@nanda_ericca), segue inspirando e conectando leitores e fãs ao redor do mundo.



JORGE SANTOS

Jorge Santos de Oliveira nasceu em Floresta Azul, Bahia, e foi criado em uma família que sempre valorizou a educação e o respeito mútuo. Desde cedo, demonstrou uma personalidade tranquila e a vocação para ajudar os outros, sempre com o objetivo de resolver problemas e trazer soluções. Após concluir o ensino médio em uma escola pública, Jorge seguiu para a formação técnica em Administração de Empresas, o que ampliou sua visão sobre o funcionamento das organizações. Posteriormente, se graduou em Engenharia Ambiental pela Faculdade Pitágoras, aprofundando-se nas questões ecológicas. Também obteve uma licenciatura em Informática, unindo a tecnologia à sustentabilidade. Atualmente, Jorge é professor de Alfabetização Digital na rede municipal de Governador Valadares. Com uma especialização no projeto Mesa Educacional Digital, ele promove a inclusão digital de seus alunos.

Além de seu trabalho na educação, Jorge é um escritor que expressa sua sensibilidade através da poesia. Ele participou da Antologia Poética 2024, organizada por Fred Skarr e publicada sob o selo Vós Que Me Lês, uma importante coletânea que evidencia a relevância de sua voz na literatura contemporânea. Com seu talento multifacetado, Jorge contribui para a formação de uma geração mais conectada e criativa, sempre buscando integrar o ensino de tecnologias com o enriquecimento cultural e literário de seus alunos.

RAFAELL VUNGEE

Rafaell Vungee, pseudônimo de Rafael Alberto Vunge, é um escritor e poeta angolano, nascido em 29 de janeiro, em Luanda. Formado em Arquitetura pela Universidade Agostinho Neto, ele sempre teve uma conexão profunda com a literatura, influenciado pelo ambiente cultural de sua família. Sua paixão pela escrita se intensificou durante o período de confinamento da COVID-19, quando mergulhou em sua criatividade. Com uma carreira crescente, Vungee participou de diversas antologias nacionais e internacionais, ganhando reconhecimento por sua poesia envolvente e sensível. Seu estilo único é uma combinação de emoção e profundidade, explorando temas como amor, serenidade, esperança e autodescoberta. Seu primeiro livro, "Entre o Silêncio e a Poesia: Um Jardim de Emoções", convida os leitores a refletirem sobre a vida, a beleza das pequenas coisas e a essência da existência humana. Cada poema é uma jornada emocional que traz um refúgio de paz e inspiração

Vungee se destaca na literatura contemporânea, oferecendo uma visão poética inovadora e um olhar profundo sobre a natureza humana, refletindo sua herança cultural angolana. Sua obra é um convite para explorar o universo das emoções e a complexidade do ser humano, e sua escrita tem o poder de tocar o coração de quem a lê. Seu trabalho não apenas enriquece a literatura angolana, mas também contribui para o cenário global, trazendo à tona uma perspectiva única sobre a condição humana.

VANDER CASTRO

Vander Castro nasceu em janeiro de 1988, em Piau, um pequeno município da Zona da Mata de Minas Gerais, onde viveu até a adolescência. Aos 12 anos, mudou-se para Juiz de Fora, cidade que o acolheu e à qual tem grande carinho. Atualmente, divide sua rotina entre as duas cidades que marcam sua trajetória e aparecem com frequência em seus escritos. Desde a infância, teve uma relação íntima com a literatura, escrevendo e frequentando bibliotecas e livrarias. Formado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas, completou também a formação em Língua Inglesa e outros cursos na área da educação, atuando como educador desde 2013. Em 2024, Vander concluiu um Mestrado em Tecnologia pela Miami University, na Flórida, e foi admitido no Doutorado em Educação na Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, no Paraguai. Apesar de escrever desde a adolescência, se considera um poeta amador, já que foi somente em 2024 que decidiu "tirar seus textos da gaveta.

Seus poemas foram publicados pela editora independente Vós que me Lês, na obra "Antologias Poéticas 2024", e em várias outras publicações, como "Sonetos - o amor em prosa e versos", "Antologia Infantil", "A dama dos Haicais: uma homenagem a Holga Savary" e "Antologia Psiquê". Além de sua produção literária, Vander teve um poema exposto no 3º LiterArte PJF, na exposição "Professor também faz Arte", no Teatro Paschoal Carlos Magno, em Juiz de Fora. Sua produção científica, disponível no Lattes, reflete não apenas sua atuação acadêmica, focada em Tecnologias na Educação e Ensino de Língua Inglesa, mas também sua visão poética sobre as questões contemporâneas, em especial as ligadas ao contexto LGBTQIAPN+.

SAMIRA SOUZA

Samira Souza Ferreira, nascida em 04 de janeiro de 2006, em Brasnorte, Mato Grosso, é uma jovem talentosa, criativa e curiosa. Atualmente estudante de Psicologia, busca entender a complexidade da mente humana, com um interesse especial em desvendar os mistérios da psique e promover o bem-estar e a cura. Em sua jornada acadêmica, Samira se dedica a compreender as dificuldades e desafios que envolvem a mente, com o objetivo de ajudar as pessoas a alcançarem uma vida mais equilibrada e saudável. Nos momentos livres, Samira se entrega à música, à leitura de romances e à escrita, atividades que alimentam sua criatividade e sensibilidade. Sua paixão pela escrita a levou a participar de várias antologias poéticas. Profundamente conectada à sua fé cristã, ela busca viver de acordo com os valores de amor, compaixão e serviço, com o desejo de causar um impacto positivo no mundo, sem abrir mão de seus princípios.

Guiada pela célebre citação de Carl Jung, "Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana", Samira almeja adotar uma abordagem humanizada e empática em sua futura atuação profissional. Seus objetivos incluem concluir sua graduação em Psicologia e, mais tarde, publicar seus próprios livros, compartilhando suas visões e seu talento com o mundo. Com determinação e paixão, Samira está trilhando um caminho promissor, preparando-se para fazer uma diferença significativa na vida das pessoas e também na sua própria trajetória.

JOÃO DIEGO COSTA

João Diego Costa, nascido em 2004 em Peixoto de Azevedo, Mato Grosso, é poeta, estudante de Infraestrutura de TI e ativista social. Crescendo em uma família humilde e enfrentando as dificuldades de uma situação familiar instável, João não conheceu seu pai biológico até os cinco anos de idade. Aos sete, foi morar com seu pai em outro município, após a separação dos pais, o que o levou a se deslocar frequentemente entre as duas cidades, fazendo amigos e conhecendo novas pessoas ao longo de sua jornada. Desde jovem, João demonstrou uma curiosidade insaciável, e aos 11 anos começou a vender picolé e sorvete para comprar seu primeiro celular. Com o aparelho em mãos, teve acesso à internet, o que abriu um vasto mundo de possibilidades até então inimagináveis. Passou a estudar diversos temas e logo se destacou na escola por já ter conhecimentos sobre os conteúdos que lhe eram ensinados. Na escola, era conhecido como "Nerd", título que sempre considerou um elogio.

Em 2024, participou da Antologia Poética, publicada pelo selo independente Vós Que Me Lês, tendo dois de seus poemas publicados. Motivado por sua experiência pessoal, João começou a desenvolver projetos sociais voltados para a saúde mental, dando palestras em escolas e incentivando os jovens a cuidarem de sua saúde física e emocional. Além de atuar na promoção da saúde mental, João defende diversas causas sociais, como os direitos da criança e do adolescente, a preservação do meio ambiente, o protagonismo juvenil e os direitos dos povos indígenas, entre outras questões relacionadas a políticas públicas.

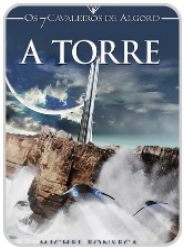
PRISCILA TRINDADE DE AGUIAR

Priscila Trindade de Aguiar, terapeuta e enfermeira formada pela Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa de São Paulo, é uma profissional dedicada à promoção do bem-estar e ao autoconhecimento. Atualmente trabalha com terapias integrativas. Nascida em São Paulo, em 1984, Priscila desde jovem desenvolveu uma grande paixão pela escrita e pela leitura, interesses que cultivou a partir dos 11 anos. Em sua jornada de autodescoberta, Priscila fez a escolha de resgatar um dos sonhos mais antigos de sua infância: a escrita. Motivada por essa paixão, ela começou a se envolver mais ativamente no universo literário, participando de antologias como "Alma em Prosa e Verso", publicada pela Editora Panoplia em outubro de 2024, e "Os 4 Elementos", lançada pela Quimera Antologias também no mesmo ano.

Sua trajetória reflete um profundo compromisso com o crescimento pessoal e com a busca pelo autoconhecimento, áreas que ela explora tanto em sua prática profissional quanto em sua escrita. Priscila busca, por meio de sua arte literária, tocar o coração das pessoas, compartilhando suas experiências e insights, enquanto continua a integrar a medicina e as terapias alternativas em sua vida. Com uma abordagem holística, ela visa contribuir para o equilíbrio e o bem-estar de seus pacientes e leitores.

MICHEL FONSECA

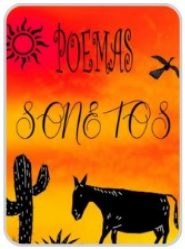
Michel Fonseca Alexandre, nascido em 1981 no Rio de Janeiro, é formado em Marketing, mas encontrou sua verdadeira paixão na literatura. Ao decidir transformar suas histórias imaginativas em realidade, Michel começou a construir um universo literário único, no qual combina criatividade, entusiasmo e uma visão envolvente para criar mundos e personagens inesquecíveis. Ele vive no Rio de Janeiro com sua esposa e filho, e sua paixão pela escrita é evidente em cada obra que cria. O livro "Os 7 Cavaleiros de Algord: A Torre" é o primeiro volume da Saga, ambientado na galáxia Irione, e mistura habilidosamente ficção científica e fantasia. A obra oferece uma narrativa repleta de ação, reviravoltas e personagens cativantes, abordando temas como destino, coragem e a luta pela liberdade. A trama acompanha Mick Fronsac e seus seis amigos, que são abduzidos para Irione, onde descobrem o misterioso planeta Tood-Sil's.



A ideia para a saga nasceu em julho de 1999, quando Michel Fonseca teve um sonho vívido em Copacabana, no qual uma figura misteriosa com olhos vermelhos e uma armadura negra o desafiava a contar sua história. Esse sonho se transformou no ponto de partida para a criação de Os Sete Cavaleiros de Algord, com o personagem Kadmoh Toleman, ou Mick Fronsac, emergindo das imagens desenhadas logo após o despertar.

LIÉCIFRAN BORGES MARTINS

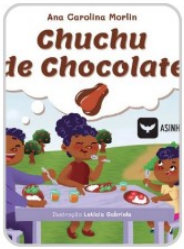
Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira, formada em Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Membra da Academia Interamericana de Escritores (AINTE), ocupa a cadeira número 39, cuja patronesse é Ruth Guimarães. Sua trajetória literária começou na adolescência, com seus 14 a 15 anos de idade, quando iniciou a escrita de seus primeiros textos. Ao longo de sua carreira, Liécifran conquistou diversos títulos literários, tanto em âmbito nacional quanto internacional, destacando-se em diversas regiões, estados e municípios do Brasil. Ela participa ativamente de concursos literários, sendo publicada em revistas, antologias e coletâneas. Em 2024, sua relevância no cenário literário foi reafirmada com a conquista do 14º lugar no XXI Congresso Brasileiro de Poetas Trovadores, realizado em Venda Nova do Imigrante (ES), no concurso estadual de poesia do Espírito Santo.



A obra que a levou a essa conquista foi o poema "Amor, Atração e Paixão". A poesia representa uma verdadeira calmaria para Liécifran, sendo sua principal fonte de equilíbrio e paz. Em sua rotina diária, a escrita se tornou uma ponte entre sua alma e a serenidade. Atualmente, suas produções estão disponíveis em diversas plataformas, como o Trema, onde acumula 821 poemas, e o Recanto das Letras, com 818 poemas e 4369 leituras virtuais. Além disso, a escritora compartilha suas obras também em seu Instagram onde seus seguidores podem acompanhar seus novos textos poéticos.

ANA CAROLINA MORLIN

Ana Carolina Morlin nasceu e cresceu no sítio de seus avós, no interior do Rio Grande do Sul, onde o contato constante com a natureza e os animais desempenhou um papel fundamental em sua formação. Essa convivência próxima ao campo e à simplicidade da vida rural moldou sua visão de mundo e, de forma sutil, influenciou sua escrita. Contudo, foi somente na vida adulta, em um momento desafiador de sua trajetória, que ela descobriu sua verdadeira paixão pela poesia. Durante uma fase de autodescoberta, quando se sentia distante e sozinha, a natureza passou a ser sua principal companhia. A poesia, então, se revelou como um refúgio para suas emoções, e a escrita se tornou a sua voz, a forma de expressar aquilo que estava guardado em seu íntimo. Ana Carolina, influenciada pelo Romantismo, passou a traduzir seus sentimentos através da observação da natureza e das emoções que ela despertava nela.



A Antologia Poética reúne seus primeiros poemas oficialmente publicados, marcando um novo capítulo em sua trajetória literária. Além de sua dedicação à poesia, Ana Carolina também se apaixonou pela literatura infantil. Esse amor surgiu a partir de um trabalho voluntário com crianças, o que a fez se aprofundar no universo infantil e na forma como as histórias podem impactar positivamente a vida de pequenos leitores. Sua experiência como nutricionista, formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a inspirou a escrever o livro Chuchu de Chocolate, que aborda a dificuldade de uma garotinha em aceitar novos alimentos. A obra visa ajudar crianças, especialmente na fase de recusa alimentar, e é uma leitura envolvente para toda a família.

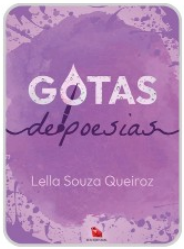
ROGER BASTOS

Roger Albuquerque Bastos nasceu em 20 de junho de 2006, em São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Desde muito jovem, demonstrou uma profunda paixão pela literatura, especialmente pela poesia, que se tornou sua forma preferida de expressar os sentimentos humanos e as complexas emoções que marcam a experiência de viver. Suas obras refletem um olhar melancólico e sensível sobre o mundo, explorando temas como as relações interpessoais e os desafios da vida contemporânea. A inspiração de Roger vem fortemente do movimento romântico, especialmente da obra de Álvares de Azevedo, cuja visão existencialista e melancólica da vida é um ponto de conexão entre o autor e o jovem poeta. Para ele, a poesia é uma ferramenta poderosa de reflexão, uma maneira de abordar as questões existenciais e emocionais que permeiam sua própria experiência de vida.

Roger vê na poesia uma ponte de comunicação com o mundo. Ele utiliza suas palavras para se conectar com seus leitores, compartilhando experiências e perspectivas que tocam aqueles que se identificam com suas emoções e reflexões. Para ele, a poesia é uma forma de expressão que vai além da escrita, sendo uma maneira de compartilhar sua essência e seus pensamentos com o outro, criando uma troca emocional e intelectual. Além de sua paixão pela poesia, Roger é também um apreciador da arte do origami. Esta prática lhe permite expressar a mesma sensibilidade que imprime em suas palavras, criando formas tangíveis que, de certa forma, dialogam com sua escrita poética.

LELLA SOUZA QUEIROZ

Lella Souza Queiroz, baiana natural de Presidente Dutra, a famosa "Capital Mundial da Pinha", é uma multifacetada profissional e artista. Ela exerce com dedicação a profissão de professora de Educação Infantil e, além disso, é poeta, escritora, contadora de histórias e artista visual. Sua sensibilidade e talento também a levaram a atuar como locutora na Rádio A Voz do Sertão 104,9 FM, onde compartilha sua voz com a comunidade. Lella é, ainda, Coordenadora do Projeto Voluntário Piquenique Literário Infantil (@piqueniquelitera), uma iniciativa que tem como objetivo incentivar a leitura desde a primeira infância, promovendo o acesso à literatura de forma lúdica e criativa. Em 2022, Lella fez sua estreia como autora publicada, participando de diversas antologias literárias. Entre elas estão Colorê-Poesias para você (volume 1), Alma em Letras - Exílio do Jaguar, Poema Mulher - Catarse em Versos (volume 2).



Além de: Poemas para todas as mães, Poemas para todos os pais (Rubi Editorial), Coletânea de Contos, Poemas e Crônicas (Kibbutz Editorial), e Poema Mulher - Catarse em Versos 3. Sua escrita reflete a profundidade emocional e o olhar sensível sobre o mundo ao seu redor. Em junho de 2023, Lella lançou seu primeiro livro solo, Gotas de Poesias, também publicado pela Rubi Editorial. Este livro é a culminação de sua jornada literária, reunindo seus versos e sentimentos em uma obra intimista e envolvente. Lella Souza Queiroz, com sua rica trajetória e diversos projetos, continua a influenciar positivamente o mundo literário, encantando leitores de todas as idades com sua escrita e seu trabalho incansável em prol da educação e da literatura.

CAROLINA
MARIA DE JESUS

por Erica Rios

A VOZ
DA MARGEM

Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, é um dos nomes mais representativos e impactantes da literatura brasileira. Sua trajetória, marcada por uma vida de luta e resistência, reverbera até os dias atuais, não apenas como a história de uma escritora, mas como um testemunho vivo das dificuldades e da força das mulheres negras no Brasil. De origem humilde, filha de pais negros que migraram do campo para a cidade, Carolina viveu os primeiros anos de sua vida imersa nas dificuldades da pobreza e da exclusão social. Sua educação formal foi limitada, interrompendo os estudos no segundo ano do ensino primário, mas ela jamais negou o seu amor pela leitura, o que a tornou autodidata e a preparou para a escrita que a consagraria como um dos maiores nomes da literatura brasileira. Aos sete anos, Carolina foi forçada a estudar, graças à generosidade da esposa de um fazendeiro que pagou suas aulas. Embora os obstáculos fossem grandes, ela conseguiu aprender a ler e a escrever, o que foi determinante para o início de sua trajetória literária. No entanto, sua infância foi marcada por abusos e dificuldades, principalmente devido à sua condição de filha ilegítima e à falta de apoio emocional de sua mãe.

Imagem/reprodução Google

Imagem/reprodução Google

Sua luta pela sobrevivência e pelo direito à educação se refletiria mais tarde na obra que a tornaria mundialmente conhecida. Em 1937, após a morte de sua mãe, Carolina migrou para São Paulo, onde se estabeleceu na favela do Canindé, um dos maiores e mais emblemáticos símbolos da miséria urbana. A favela, que na época contava com um contingente de aproximadamente cinquenta mil habitantes, foi o cenário onde ela enfrentaria as adversidades mais duras da vida.

Carolina com Clarice Lispector

VIDA E OBRA

Em uma das áreas mais carentes da cidade, Carolina sustentou a si mesma e a seus três filhos como catadora de papéis, um trabalho extenuante e frequentemente desvalorizado pela sociedade. No entanto, foi nessa mesma favela, na periferia da sociedade, que ela encontrou sua voz literária. O ponto de virada em sua vida veio em 1960, quando, com o auxílio do jornalista Audálio Dantas, Carolina teve seu diário, Quarto de Despejo: Diário de uma favelada, publicado. A obra foi um sucesso estrondoso, vendendo 10 mil exemplares em apenas uma semana e sendo traduzida para treze idiomas, alcançando mais de quarenta países. O livro expôs, de forma crua e sincera, as dificuldades e a solidão da vida nas favelas, mas também revelou a resistência, a esperança e a humanidade de quem vive à margem. Foi, sem dúvida, um marco na literatura brasileira, trazendo à tona questões sociais até então negligenciadas e abrindo portas para um novo olhar sobre a literatura produzida fora dos centros urbanos e das classes altas. Carolina tornou-se, assim, uma das primeiras escritoras negras a conquistar notoriedade no Brasil, e sua obra passou a ser estudada não apenas no país, mas também no exterior. Quarto de Despejo revelou a complexidade de sua visão de mundo, atravessada pela vivência cotidiana nas ruas da cidade, pela luta pela sobrevivência e pela constante busca por dignidade.

Sua escrita, visceral e poética, refletia as mazelas do Brasil urbano e a resistência dos marginalizados. Nos anos seguintes, Carolina continuou a escrever, publicando livros como Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada (1961) e Pedaços de Fome (1963), além de álbuns musicais e poesias. Embora sua produção tenha sido vasta, ela permaneceu, de certa forma, à margem do circuito literário oficial, o que reflete as dificuldades que os escritores periféricos e negros enfrentam no Brasil. A autora não foi apenas uma narradora de sua própria história, mas também uma representativa daquelas cujas vozes costumam ser silenciadas pela história oficial. Carolina Maria de Jesus também era compositora e contadora de histórias, e, embora tenha sido marcada pelo ceticismo e pela dor, seu trabalho reverberava uma esperança inabalável. Sua religiosidade, frequentemente mencionada em seu diário, era um alicerce em sua vida.

Imagem/reprodução Google

Em 1977, Carolina Maria de Jesus faleceu aos 62 anos, vítima de uma crise de insuficiência respiratória, resultado de uma asma que a acompanhou desde a infância. Sua morte não pôs fim à importância de seu legado, que perdura como uma das maiores expressões da literatura negra e periférica no Brasil. Seus livros póstumos, como Diário de Bitita (1986) e Antologia Pessoal (1996), revelaram mais facetas de sua escrita e amplificaram a importância de sua contribuição literária. Nos últimos anos, novas edições e coleções, como Casa de Alvenaria e O Escravo (2023), resgataram sua obra para novas gerações de leitores.

A história de Carolina Maria de Jesus é, antes de tudo, a história de uma mulher que, contra todas as probabilidades, encontrou na literatura uma forma de resistir, se afirmar e transformar a dor em arte. Sua obra continua a tocar os corações daqueles que se encontram à margem, em busca de voz e visibilidade. Ela permanece um farol, iluminando o caminho daqueles que, como ela, vivem nas sombras da sociedade, mas têm, ainda assim, muito a dizer. Carolina Maria de Jesus é, sem dúvida, uma das maiores escritoras do Brasil, cuja importância é atemporal, e cujo impacto segue ressoando nas páginas da literatura e na história do país.

Imagem/reprodução Google

Obras Publicadas em Vida:

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (1960). O livro que catapultou Carolina Maria de Jesus para a fama, Quarto de Despejo é um relato autobiográfico, escrito em forma de diário, que descreve a dura realidade de uma mulher negra e favelada em São Paulo. A obra foi publicada com o auxílio do jornalista Audálio Dantas e rapidamente se tornou um fenômeno editorial. Com tiragens recordes e traduzido para mais de 13 idiomas, o livro colocou em evidência a vida das classes marginalizadas e a luta por sobrevivência nas favelas urbanas.

Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições (1961). Além de escritora, Carolina era também compositora. Este álbum, lançado pela RCA Victor, reúne suas músicas e composições, mostrando outro lado de sua produção artística, com letras que refletem suas vivências e visão de mundo.

Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-Favelada (1961). Nesta obra, Carolina narra sua experiência de transição da favela para um novo espaço, marcando o contraste entre a vida nas favelas e a tentativa de ascensão social e material. O livro é uma continuação do projeto de escrita de sua vida e uma reflexão sobre as condições de vida dos que pertencem às classes populares.

Pedaços de Fome (1963). Pedaços de Fome é uma coletânea de poesias que traz à tona a miséria, a luta pela sobrevivência e a busca por dignidade, temas que permeiam toda a obra de Carolina. Sua poesia é uma extensão de sua prosa, repleta de emoção e realidade crua.

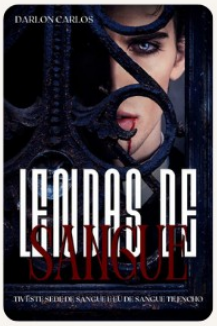
Provérbios (1965). Uma obra em que Carolina reflete sobre a sabedoria popular, os dilemas da vida cotidiana e as complexidades das relações humanas, sempre com a marca de sua experiência pessoal e da vivência nas margens da sociedade.

Obras Póstumas:

UM BRASIL PARA BRASILEIROS (1982)
DIÁRIO DE BITITA (1986)
MEU ESTRANHO DIÁRIO (1996)
ANTOLOGIA PESSOAL (1996)
CASA DE ALVENARIA VOL.1 e 2 (2021)
ONDE ESTÁS FELICIDADE? (2014)
CLÍRIS: POEMAS RECOLHIDOS (2019)
O ESCRAVO (2023)

O legado de Carolina Maria de Jesus continua a ser fundamental para o entendimento das realidades sociais e raciais no Brasil. Sua produção literária, que começou como um relato da vida cotidiana de uma favelada, se expandiu para um campo vasto de reflexões sobre o Brasil e sobre as questões que envolvem a população negra e periférica. Sua voz, que ecoa através das páginas de seus livros, ainda é uma das mais poderosas expressões da literatura brasileira.

ENTREVISTA
COM DARLON CARLOS



Darlon, como começou sua paixão pela escrita?
R: Tudo começou com a minha dificuldade de aprendizado. Como eu tinha dificuldade em aprender, passei a ler e a escrever as coisas para gravar em minha mente. Com o tempo virou um hábito em fazer histórias. Claro que quando eu era pequeno sempre imaginei mil aventuras em minha cabeça.

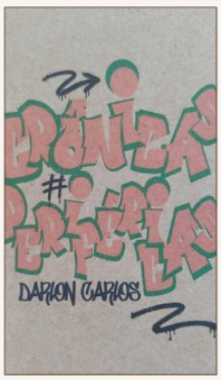
De que forma os quadrinhos influenciam seu estilo de escrita?
R: Todos que lêem minhas histórias dizem que elas são muito visuais. O que é uma influência das HQs. Cresci lendo HQs. Sempre foram um manancial de ideias para mim.

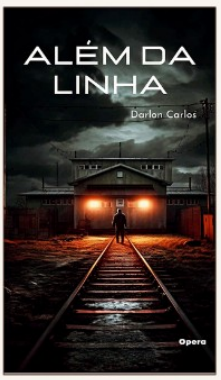
Quais gêneros ou estilos você prefere explorar nas suas histórias?
R: Terror, suspense, mistério. Mas, não fico só nesses. Estou aprendendo a escrever crônicas e realidade especulativa.

Qual o maior desafio no seu processo criativo?
R: No momento é sobreviver. Pode parecer estranho o que vou falar; porém sendo escritor negro e da periferia o maior obstáculo na hora de criar é a sobrevivência. Não dá para criar nada com a barriga vazia. Inventar histórias é fácil. Difícil é escrever e ficar no corre ao mesmo tempo.

Como você vê o mercado editorial brasileiro para novos escritores?
R: Complicado. Muitas editoras querendo que o autor adquira uma quantidade x de livros, o que muitos não tem condições. Editoras que não pagam, dão calote. As editoras grandes nem olham para nossa cara. Um lugar que tem que ter paciência e resistência.

Quais autores ou artistas mais influenciam o seu trabalho?
R: Ítalo Calvino, Borges, Kafka, Allan Poe, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Frank Miller, Allan Moore entre outros.





O que é mais desafiador criar personagens ou mundos?
R: Personagem. Mundos qualquer um que tenha o mínimo de conhecimento geral consegue criar. Junta tudo que gosta de outros mundos e forma um. Porém, personagens tem que criar toda uma vida: quanto mais camadas tiver um personagem melhor ele será. Sem dizer os manejos e tudo o mais.

Como tem feito para alcançar mais leitores?
R: Redes sociais. Fazendo propaganda boca a boca. Formando uma rede de relacionamento. Leva tempo mas é o melhor a ser feito.

Suas obras dialogam com questões sociais e culturais? Como?
R: Meu livro de crônicas fala da periferia, de terror fala da questão racial. Todos os meus protagonistas são negros ou pardos. Comento sobre o dia a dia real com tons de irrealidade. Mostro que pode-se fazer histórias tupiniquins tão boas ou melhor que o pessoal de fora. Falando de aventuras sem esconder nosso rosto.

Quais são seus planos para o futuro da sua escrita?
R: Reformular tudo. Quero fazer histórias mais curtas e impactantes. Para isso vou apostar mais nos personagens e nos diálogos.

CONTATO COM O ESCRITOR
darlonccs@gmail.com
INSTAGRAM @darlonccs

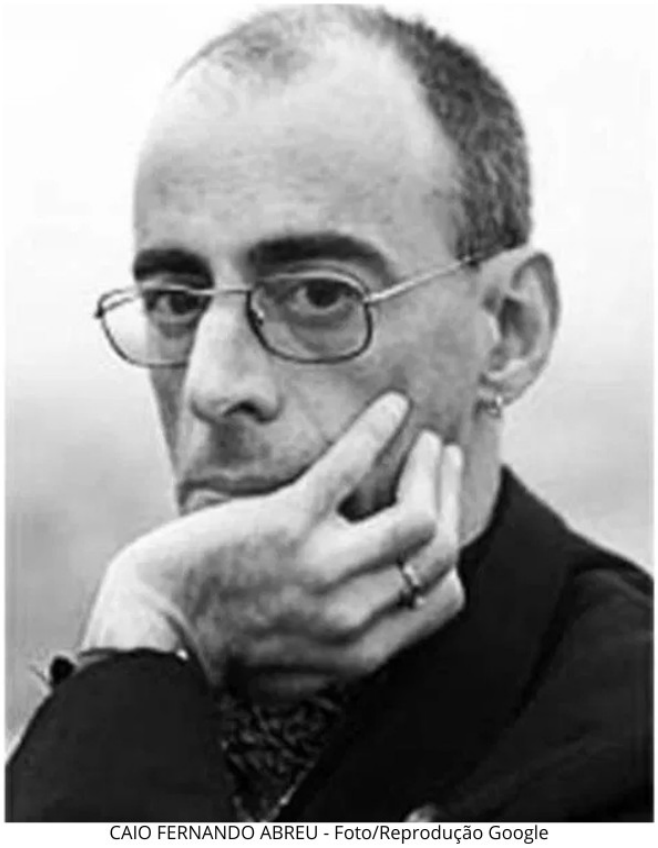
LITERATURA LGBTQIA+ E O CAMINHO DE VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA

Por Bento Lopes

A trajetória dos escritores LGBTQIA+ na literatura brasileira é marcada por desafios profundos, principalmente no que diz respeito à busca pela visibilidade e pelo reconhecimento. Durante muitos anos, essas vozes foram silenciadas ou marginalizadas, seja por um preconceito profundamente enraizado na sociedade, seja pela repressão explícita a temas relacionados à sexualidade. O enfrentamento de escritores LGBTQIA+ não se limitou à resistência pessoal, mas também a um grande desafio coletivo: o de romper as barreiras impostas pela cultura dominante, que muitas vezes ignorava ou repudiava qualquer forma de expressão que fugisse aos padrões heteronormativos.

Desde o século XX, escritores que ousaram abordar questões de gênero e sexualidade enfrentaram, inicialmente, a invisibilidade imposta pela censura. A homofobia, amplificada pelo conservadorismo e pela repressão política, era um obstáculo não apenas para a publicação das obras, mas também para sua circulação e aceitação pelo público em geral. Nesse contexto, muitos escritores LGBTQIA+ foram forçados a explorar formas de escrita indiretas ou metafóricas, a fim de burlar a vigilância da censura e evitar represálias. O medo da marginalização social e da perseguição política impôs limitações que muitas vezes restringiram o alcance de suas obras, resultando em uma literatura marginalizada, lida apenas por círculos restritos e sem acesso ao grande público.

HEARTSTOPPER - Foto/Reprodução Google



CAIO FERNANDO ABREU - Foto/Reprodução Google

Esse cenário tornou-se particularmente desafiador em tempos de ditadura militar (1964-1985), quando as liberdades individuais foram cerceadas e a liberdade de expressão, severamente controlada. Durante esse período, a literatura brasileira, em grande parte, se afastou de temas considerados "subversivos", e a abordagem explícita da homossexualidade ou da identidade de gênero era tratada com hostilidade tanto por críticos literários quanto pelo público em geral. Os escritores LGBTQIA+ tinham que lutar não só contra a censura estatal, mas contra o medo de um estigma social que os isolava ainda mais, impedindo a construção de uma carreira literária sólida e o acesso a um público mais amplo.

Mesmo com o fim da ditadura e a abertura política nos anos 1980, as barreiras para esses escritores permaneceram, embora de forma mais sutil. O preconceito contra a homossexualidade e as questões de gênero continuaram a ser um obstáculo, dificultando a aceitação e o reconhecimento dessas obras pela crítica literária dominante. Além disso, a literatura LGBTQIA+ muitas vezes era vista como "marginal" ou de "nicho", sendo relegada a espaços específicos, sem conseguir alcançar uma grande audiência ou ser apreciada como parte da literatura canônica brasileira. Escritores LGBTQIA+ enfrentaram a resistência não apenas de um público tradicionalmente conservador, mas também de uma parte da crítica literária, que minimizava suas obras em função de sua temática ou as desconsiderava por não se enquadrarem em modelos de literatura mais consagrados.

Com o tempo, no entanto, e especialmente nas últimas décadas, uma mudança significativa começou a acontecer. O aumento da visibilidade da comunidade LGBTQIA+ na sociedade brasileira e o crescente debate sobre direitos humanos e igualdade de gênero trouxeram à tona uma nova percepção sobre a literatura produzida por autores LGBTQIA+. Essa literatura, antes restrita a círculos mais íntimos ou a público limitado, começou a ganhar espaço em grandes editoras, na academia e nos meios de comunicação, contribuindo para a ampliação do debate sobre questões de identidade, gênero e sexualidade. O cenário atual é mais receptivo, embora ainda existam resistências e desafios em relação à aceitação plena dessas obras.

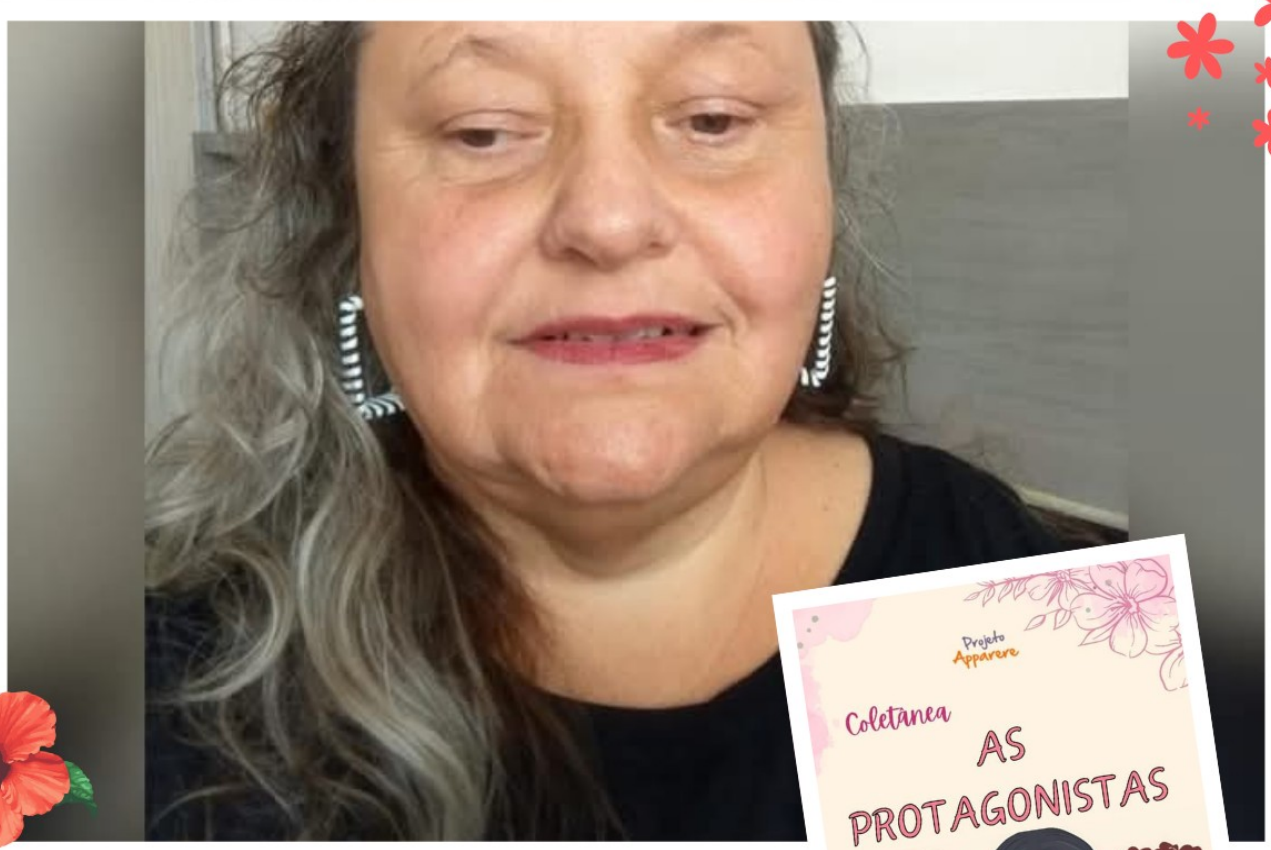
Apesar de hoje muitos desses autores receberem um reconhecimento tardio, o caminho percorrido foi árduo. As dificuldades enfrentadas por esses escritores não se resumem a barreiras editoriais, mas se estendem ao preconceito social persistente, que ainda coloca em xeque a visibilidade de narrativas que fogem do padrão heteronormativo. A luta de muitos desses autores foi, e continua sendo, a de garantir que sua voz fosse ouvida e que sua arte fosse valorizada, em um ambiente literário e social que frequentemente os relegava ao silêncio ou ao esquecimento.

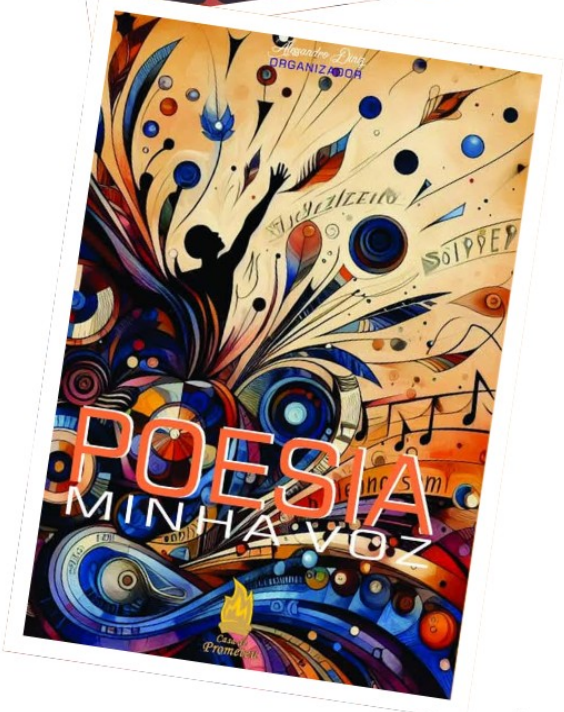
Foto/Reprodução Google

O legado desses escritores, que enfrentaram o medo, a rejeição e a censura, serve como testemunho da resistência e da importância da literatura na construção de uma sociedade mais plural e inclusiva. Eles não apenas enfrentaram as dificuldades impostas por um contexto hostil, mas também estabeleceram as bases para que futuras gerações de autores LGBTQIA+ pudessem encontrar, finalmente, um público mais receptivo e uma literatura mais diversa e representativa.

Foto/Reprodução Google

Entrevista com
ORNÉLIA GOECKING OTONI





SRA. OTONI, GOSTARIA DE COMEÇAR NOSSA CONVERSA PEDINDO QUE SE APRESENTASSE AOS NOSSOS LEITORES. QUAIS SÃO SUAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS E O QUE A LEVOU A SE DEDICAR À ESCRITA E À POESIA?

R: Meu nome é Ornélia Goecking Otoni, tenho 54 anos, sou casada mas não tenho filhos. Gosto muito de ler, ouvir musicas, tomar bons vinhos e viajar. Também gosto de cachorro, tenho um já idosinho. Sou amputada e cadeirante, moro na região metropolitana de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Atualmente sou estudante de Jornalismo.

A escrita é um exercício que pratico desde muito jovem. Se preciso for reescrevo, reinvento, porque escrever é pra mim alimento. Apurei meu gosto por esta arte bebendo de fontes como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna, Erico Veríssimo, Florbela Espanca e outros de igual valor e relevância.

COMO A SENHORA ENXERGA O PAPEL DA POESIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA? ACREDITA QUE ELA AINDA EXERCE A MESMA FUNÇÃO TRANSFORMADORA DE ANTIGAMENTE?

R: Acredito que a poesia é o oxigênio da palavra, da expressão, algo que confere aos seres humanos o verdadeiro encontro de leveza e realidade, por vezes tão ambíguas, mas que a sociedade precisa. É através da poesia que o homem se percebe como um sujeito em busca do prazer e da alegria, em qualquer tempo. E assim acontecendo, sua função é atemporal.

O PROCESSO CRIATIVO É ALGO MUITO ÍNTIMO E ÚNICO PARA CADA ESCRITOR. A SENHORA PODERIA NOS CONTAR COMO COSTUMA ESCREVER? TEM ALGUMA ROTINA OU RITUAL ESPECÍFICO?

R: Não tenho rotina para escrever, faço isso sempre e bastante. Acredito que muito de mim e do que sinto ficam registrados nos meus textos. Também não escolho um tema, deixo o coração e a emoção me guiarem, mas fato é que sempre ouço musica quando estou escrevendo, acho inspirador.

EM SEUS POEMAS, PODEMOS PERCEBER UMA FORTE CONEXÃO COM A NATUREZA E A BUSCA PELA ESSÊNCIA HUMANA. A SENHORA VÊ A LITERATURA COMO UMA FORMA DE DIÁLOGO COM O MUNDO EXTERIOR OU COMO UM PROCESSO DE AUTODESCOBERTA?

R: Na minha ótica a literatura exerce esses dois papeis igualmente. Ao querer dialogar com o mundo, o escritor passa por uma espécie de catarse, o que pode ajudá-lo a se conhecer melhor, permitindo uma maior compreensão do mundo no qual vive.

AO LONGO DE SUA CARREIRA, A SENHORA CONQUISTOU DIVERSOS PRÊMIOS E RECONHECIMENTOS. EXISTE ALGUMA CONQUISTA OU OBRA QUE TENHA UM SIGNIFICADO ESPECIAL PARA VOCÊ?

R: Acho que por além dos prêmios, existe o prazer de ser lida, compreendida, e quem sabe interferir positivamente na vida do leitor. Sou uma pessoa comum, tenho os mesmos anseios e sentimentos que qualquer homem experimenta, e é deveras gratificante escrever algo que nos aproxima. Talvez eu nunca saiba o real impacto de minhas palavras, mas acredito, sinceramente, que já toquei alguns corações e não há, portanto, premio mais valioso.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE A SENHORA ENCONTRA AO ESCREVER? E COMO LIDA COM OS MOMENTOS DE BLOQUEIO CRIATIVO?

R: O cotidiano é bem desafiador, e muitas vezes nos mostra detalhes que impedem a criatividade, uma vez que não é possível retratar com veracidade o que sentimos frente a este ou aquele problema. Penso muito nas dores do mundo, e já me vi travada diversas vezes, sem conseguir verbalizar sentimentos. Nesses momentos de bloqueio faço um café forte, e começo a escrever mesmo assim, e quando tudo se mostra calmo percebo que consegui me expressar verdadeiramente.

A POESIA TEM UMA LINGUAGEM MUITAS VEZES MAIS SUBJETIVA E SIMBÓLICA. COMO A SENHORA LIDA COM A INTERPRETAÇÃO DOS SEUS LEITORES? HÁ ALGUM TIPO DE "LEITURA CERTA" OU A SENHORA PREFERE QUE CADA UM ENTENDA A SUA OBRA DE MANEIRA ÚNICA?

R: Quando escrevo coloco meu coração e alma no papel, mas não posso obrigar que meu leitor interprete dessa forma; também não acho que exista uma maneira correta de ler, ate porque somos únicos e como tal deve ser a interpretação.

NOS SEUS POEMAS E CONTOS, PODEMOS NOTAR UMA PROFUNDA REFLEXÃO SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA. A SENHORA ACREDITA QUE A LITERATURA TEM O PODER DE TRANSFORMAR A REALIDADE DE QUEM A LÊ?

R: Sim, a literatura é transformadora. Sem excluir suas funções pedagógicas (falar e escrever melhor, ampliar conhecimento e cultura), a literatura é a arte da palavra, um importante instrumento de comunicação e interação social. Foi assim desde que surgiu, e vai permanecer perene.

QUAIS SÃO OS ESCRITORES E POETAS QUE MAIS A INFLUENCIARAM OU INSPIRARAM AO LONGO DE SUA TRAJETÓRIA LITERÁRIA?

Agradeço imensamente aos meus Professores de Língua Portuguesa, sempre incentivando o aprendizado que a literatura preconiza. Com eles fui conhecendo autores como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna, Erico Veríssimo, Florbela Espanca, Machado de Assis, Carlos Ruiz Zafon, JM Simmel, Elena Ferrante, Conceição Evaristo e outros tantos.

Gosto do clássico ao contemporâneo, sou bastante eclética e aprecio qualquer gênero. Livro para mim vai alem da capa, leio a sinopse e se me prende, só me liberto na ultima linha.

POR FIM, SRA. OTONI, O QUE O FUTURO RESERVA PARA SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA? EXISTEM NOVOS PROJETOS OU TEMAS QUE A SENHORA ESTÁ EXPLORANDO OU GOSTARIA DE EXPLORAR?

Quero continuar escrevendo sobre temas variados, mas que possibilitem um lugar de fala autentico e livre. Desejo também que as palavras tornem os dias mais leves e produtivos. Meu novo projeto é conseguir publicar meu livro.

Agradecimento

Gostaríamos de expressar nossa gratidão à escritora Ornélia Goecking Otoni pela entrevista gentilmente cedida ao Vós Que Me Lês. Suas reflexões e insights sobre a literatura e o processo criativo enriqueceram imensamente nossa publicação, proporcionando aos leitores uma visão única e instigante. A clareza e a profundidade de suas palavras revelam uma autora atenta aos detalhes da vida e da escrita, e nos lembram da importância da arte como meio de compreensão do mundo. Agradecemos pelo tempo dedicado e pela valiosa contribuição à nossa proposta. É um privilégio contar com sua participação.

CONTATO COM A ESCRITORA
orneliagg@gmail.com

INSTAGRAM
@ornelia4770

O SONHO DE DONA AMÉLIA

CRÔNICA POR OLGA OLIVETTI

Naquelas terras secas do Sertão, onde o sol queimava a pele e o vento trazia consigo o cheiro de poeira e saudade, morava Dona Amélia, uma idosa que passava os dias observando o horizonte com os olhos marejados pela lembrança dos tempos de mocidade. A casa, simples, feita de barro e coberta de capim, ficava isolada, quase à beira do mundo. De longe, se podia ver o capim-do-mato se esticando até onde os olhos não alcançavam, como se a terra mesma quisesse escapar de tanto sofrer sob a fúria do calor. Dona Amélia, com seus cabelos brancos e as mãos enrrugadas de tanto trabalhar, vivia sozinha, desde que o marido partira para o além, deixando-lhe apenas o eco de suas palavras e a saudade que a acompanhava como sombra. A solidão parecia ser sua única companheira, e, à medida que o tempo passava, o mundo fora de sua casa ia se tornando mais e mais distante. Contudo, no peito de Dona Amélia ainda morava um sonho antigo, que nem o tempo e a dureza da vida haviam conseguido apagar completamente: o sonho de ser escritora.

Na juventude, ela se lembrava bem das tardes longas e preguiçosas, quando sentava na sombra de um juazeiro e lia os poucos livros que o pai, homem simples, mas de sabedoria rara, conseguia lhe arranjar. "Filha, o saber é a única coisa que ninguém pode tirar da gente", ele dizia. E foi com esse ensinamento que Dona Amélia passou a cultivar o gosto pela escrita, escrevendo cartas e pequenos versos sobre a vida no Sertão, os amores perdidos, os sonhos que nunca se concretizaram. Contudo, as palavras, tão livres e soltas em sua cabeça, não encontraram espaço no mundo real. As obrigações da vida simples, a dureza da terra e os filhos que ela criou com todo carinho a afastaram daquilo que mais amava: as histórias. Agora, envelhecida e com a casa mais vazia a cada dia, Dona Amélia sentia que seu sonho nunca havia partido completamente. E assim, ela se sentava à porta de casa, à sombra da velha mangueira, e se perdia em devaneios. De vez em quando, pegava um pedaço de papel amarelado e uma caneta, mas as palavras, como que amedrontadas, não saíam. O cansaço da vida e o medo de não ser entendida faziam com que ela desistisse antes mesmo de tentar. A poesia e a prosa se perdiam na frieza da folha, como se as palavras não conseguissem entender o mundo que ela queria contar.

Foi numa tarde de fim de verão, quando o vento quente e seco começou a dar uma trégua, que Maria, uma menina da vila, apareceu na sua porta. A garotinha, com seus olhos grandes e curiosos, sempre procurava Dona Amélia para conversar. Mesmo sendo tão nova, Maria tinha uma vontade insaciável de saber das histórias da vida daquela mulher que parecia guardar um segredo tão grande em seu coração. Ela chegava sempre com um sorriso aberto, como quem trazia no peito a esperança de ouvir algo que a faria entender o mundo.

"Boa tarde, Dona Amélia! Hoje eu trouxe um recado da mãe. Ela disse que a senhora não pode ficar mais tão sozinha, que a vila está esperando a senhora para uma festa. E o recado é esse... Mas antes, a senhora me conta uma história? A senhora tem muitas histórias, não tem?", perguntou a menina, com a inocência estampada no rosto.

Dona Amélia, olhando o horizonte distante, suspirou profundamente. O olhar se perdeu no infinito da caatinga e, por um instante, ela viu-se jovem novamente, com o coração cheio de palavras prontas para sair. "História, menina? Histórias eu tenho demais", respondeu, com a voz mansa e quase inaudível, como quem falava consigo mesma. "Histórias do Sertão, do tempo da juventude, dos amores que o vento levou. Mas a história mais bonita que eu tenho, minha menina, é a que mora dentro de mim, que nunca saiu, nunca tomou forma... Mas vou te contar."

Maria se sentou aos pés da velha árvore, com os olhos brilhando, como se soubesse que aquele momento seria único. Dona Amélia começou a falar devagar, e as palavras, como que livres pela primeira vez, foram se desenrolando lentamente, como uma fita de seda. "Era uma vez um lugar perdido, onde a terra se esticava até o fim do mundo, e o sol parecia brilhar mais forte do que qualquer outro lugar. Lá, morava uma moça que sonhava com as letras, com as palavras que dançam no papel. Ela tinha um amor tão grande por elas que às vezes, só de olhar o céu, ela imaginava mil histórias. Mas a vida, menina, levou ela para outras coisas. E as palavras ficaram presas dentro do peito, esperando para sair, esperando o tempo certo. Só que o tempo, você sabe, não espera. Ele passa, e com ele, muitas histórias se perdem."

Maria ficou em silêncio, absorta. Dona Amélia, por um instante, sentiu-se leve. O sonho de escrever, embora jamais concretizado em livros ou páginas publicadas, parecia ter se tornado real ali, naquela conversa com aquela menina. Ela entendeu, naquele momento, que talvez não fosse necessário que o mundo conhecesse sua escrita. Sua história, afinal, já estava sendo contada de outras formas, em outros corações.

O vento do Sertão passou, e com ele, Dona Amélia viu que seu sonho não havia sido em vão. O que importa, pensou, é que as palavras, mesmo que não se escrevam, continuam a viver onde ninguém pode vê-las. E o mais importante: sempre há alguém disposto a ouvi-las.

INSTAGRAM @olgaolivett

Olga Olivetti é uma poetiza e contista que vive no interior do Brasil, onde suas raízes e a profunda conexão com a natureza moldam sua escrita. Sua obra é marcada pela sensibilidade e pela introspecção, inspirada principalmente pela leitura de Clarice Lispector, a quem admira pela profundidade psicológica e pela delicadeza com que aborda os temas da vida e da existência. Além de escritora, Olga é rezadeira e parteira, sendo profundamente ligada às tradições e saberes populares. Seu trabalho com as plantas e com a cura natural reflete sua visão holística da vida e da arte, que se entrelaçam em sua prática diária, marcada pelo cuidado e pela sabedoria ancestral.

Maria Firmina dos Reis: Um Legado Pioneiro na Literatura e na Educação do Brasil

POR ARNALDO Y. VASCONCELOS

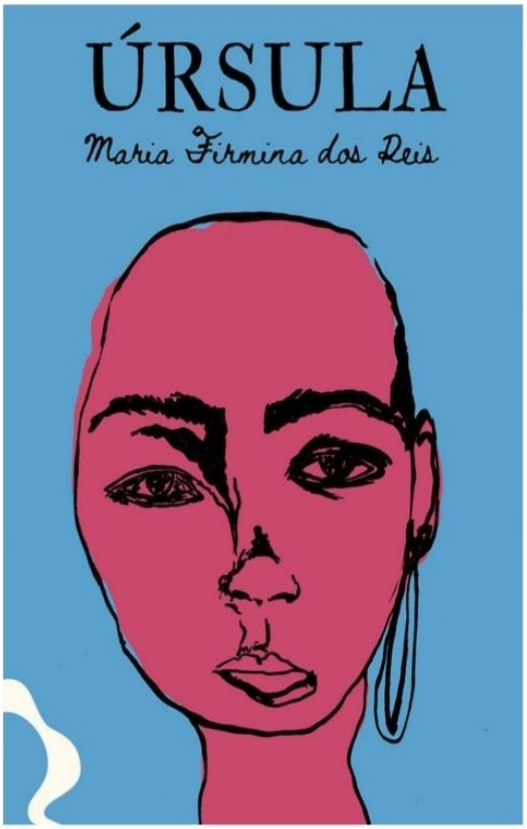
Por mais de um século, a história de Maria Firmina dos Reis permaneceu relegada à sombra, suas contribuições literárias e pedagógicas frequentemente ignoradas em um país que ainda busca reconciliar-se com as narrativas de suas mulheres e minorias étnicas. Entretanto, nas últimas décadas, estudiosos e leitores têm resgatado sua figura com a urgência e o respeito que lhe são devidos, reconhecendo-a não apenas como a primeira romancista brasileira, mas também como uma intelectual cujas convicções desafiaram as normas sociais de seu tempo.

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de março de 1822, na Ilha de São Luís, Maranhão. De origem humilde, era filha de Leonor Felipa, uma mulher negra alforriada, mas sobre seu pai pairava o silêncio dos documentos por anos, sendo seu nome revelado apenas no registro de óbito de Firmina, em 1917: João Pedro Esteves, um homem de posses e sócio do antigo dono de sua mãe. Este mistério, que permeou sua vida inteira, é emblemático de uma sociedade patriarcal que relegava invisibilidade à linhagem de mulheres negras e pobres.

Mudando-se em 1830 para a vila de São José de Guimarães, Firmina cresceu sob a tutela de uma tia materna em condições mais favoráveis. Esta mudança foi essencial não apenas para sua formação, mas também para moldar o ímpeto intelectual que a guiaria pelos desafios de sua época.

Em 1847, Maria Firmina ingressou no concurso para a cadeira de primeiras letras em sua localidade. Este ato não só foi pioneiro, mas também audacioso, dado que o Brasil imperial oferecia pouquíssimas oportunidades para mulheres, ainda mais para uma mulher negra. Aprovada, Firmina exerceu a função de professora até 1881, moldando mentes jovens e provando que a educação podia ser um ato revolucionário.

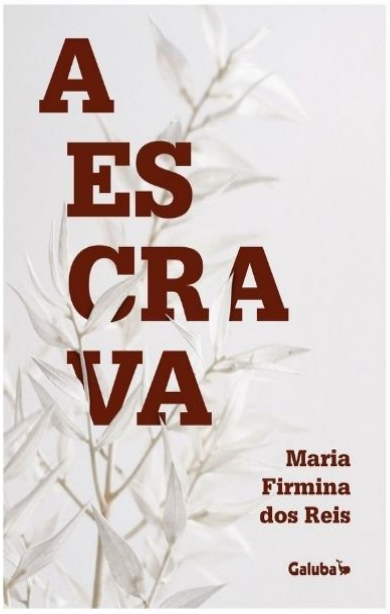
Sua missão como educadora estava alinhada a um profundo senso de responsabilidade social. Firmina via a alfabetização e a difusão do saber como ferramentas fundamentais para combater a desigualdade e libertar os espíritos do jugo da ignorância.



Se a atividade docente de Maria Firmina já era digna de destaque, sua contribuição literária coloca-a em um patamar ainda mais alto. Em 1859, publicou ***Úrsula***, um marco inquestionável na história da literatura nacional. Este foi o primeiro romance abolicionista publicado por uma mulher no Brasil, explorando as profundezas do sistema escravocrata não apenas pela perspectiva das atrocidades sofridas pelos escravizados, mas também pela complexa interrelação entre os escravizadores e a estrutura que perpetuava tais injustiças.

A obra é notável não apenas pelo conteúdo, mas também por sua linguagem poética e engajamento político. Firmina foi capaz de imortalizar a angústia de uma sociedade presa entre seu passado colonial e os apelos pela modernidade e justiça social. Embora tenha sido ignorada durante seu tempo, Úrsula hoje se destaca como uma das mais significativas contribuições ao nosso imaginário literário. Maria Firmina dos Reis jamais se casou, vivendo uma vida de independência incomum para as mulheres de sua geração.

Este estilo de vida, aliado à sua produção intelectual e compromisso pedagógico, faz dela uma figura à frente de seu tempo. Sua obra transcende fronteiras literárias e sociais, ecoando no Brasil contemporâneo como um chamado à justiça, à igualdade e ao reconhecimento de vozes historicamente silenciadas. Hoje, estudiosos e leitores de todo o país buscam revitalizar a memória e as lições deixadas por Firmina. Sua história é uma celebração da resiliência, da ousadia e da capacidade humana de reverter as marés da exclusão e da opressão.



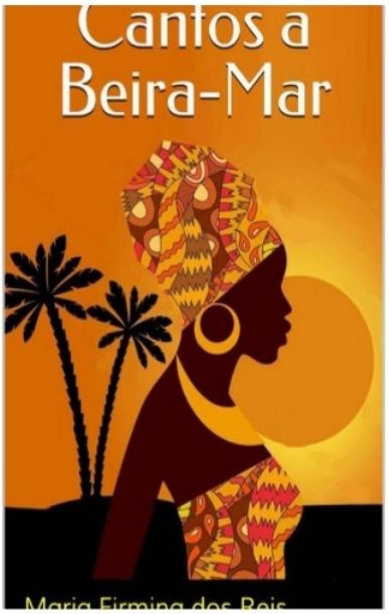
Maria Firmina dos Reis não é apenas a primeira romancista do Brasil; é uma figura que ilumina o valor da persistência e da resistência em uma sociedade que, por muito tempo, negou seu lugar a indivíduos como ela. Hoje, seu nome se inscreve no panteão da cultura brasileira como um símbolo de que o saber, aliado à coragem, pode transcender todas as barreiras. Suas contribuições são um chamado à reflexão e uma inspiração para todas as gerações.

Maria Firmina dos Reis deixou um legado literário profundo e pioneiro, compondo obras que dialogam com questões sociais de seu tempo e revelam sua sensibilidade artística. Aqui está uma breve descrição de suas principais criações:

- Úrsula (1859): Primeiro romance abolicionista do Brasil, aborda o sofrimento dos escravizados e critica a opressão do sistema escravista com sensibilidade e lirismo.

- A Escrava (1887): Conto abolicionista que expõe, de forma direta e emotiva, a brutalidade da escravidão e a humanidade dos escravizados.

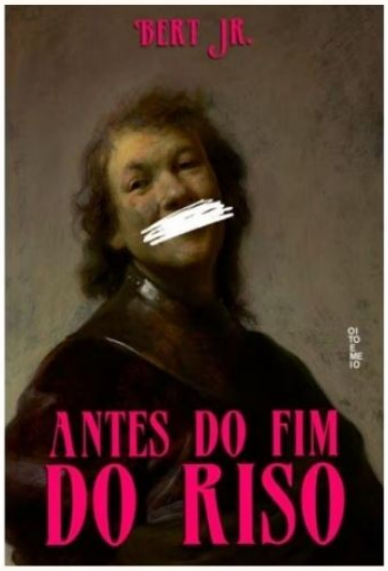
- Cantos à Beira-Mar (1871): Coletânea poética que explora temas como natureza, amor e reflexões humanas em versos líricos e contemplativos.



LIVROS INDICADOS

Poesias para Sonhar é uma coletânea de versos sublimes da talentosa Simone Reis, onde a autora, com maestria e sensibilidade, transcende as fronteiras do onírico para explorar as infinitas nuances de seus próprios sonhos. Cada poema emerge como um delicado reflexo de suas mais profundas emoções, transmutando devaneios em arte literária de rara beleza. Este livro é mais do que uma obra de poesia; é um convite ao leitor para adentrar um universo de imaginação deslumbrante, onde sentimentos e reflexões tecem paisagens tão etéreas quanto envolventes. Suas palavras carregam um lirismo encantador que ressoa como uma melodia silenciosa no coração daqueles que se permitem sonhar. Publicado pela Editora Gaturra, esta obra reafirma o poder transformador da literatura ao evocar memórias. Poesias para Sonhar transcende o mero ato da leitura, elevando-se à condição de companheira da alma, numa jornada repleta de fascínio e descobertas.

Para quem nunca viu, nem ouviu falar, eis aqui uma distopia humorística, temperada com inconfundível sabor brasileiro. Num futuro próximo de um país nunca nomeado (qual será?), o humor se torna a causa de todos os males de uma sociedade pós-pandêmica, ainda abalada pela perda de cinco milhões de vidas. O riso favoreceria, de fato, a propagação dos vírus? As gargalhadas abalariam a estabilidade das instituições? O bom humor seria prejudicial ao incremento da produtividade econômica? Neste cenário curioso, a brigada anti-humor, liderada pelo temível Capitão Genus Miliblaster, dedica-se fervorosamente a erradicar qualquer forma de humor, numa batalha que beira a insanidade. É contra esse pano de fundo que o professor de literatura Risolindo Spaglioleo se destaca, realizando um trabalho humanitário em um grande hospital, que é encarado com desconfiança pelas autoridades vigentes.



Xidjana é um jovem herói da revolução, foi quem elaborou e distribuiu o primeiro panfleto que instigava o povo a se rebelar contra o governo colonial e acabou exilado na Ilha Solitária, onde passou o maior tempo comendo gafanhotos até ser libertado com outros dissidentes. Preterido pelo grupo, assiste a distância à convulsão social de transição para a independência. Só ele percebe o presente, os demais vivem ocupados em se vingar do passado, esquecendo-se de viver o precioso presente que lhes é oferecido. Ele não é ninguém em seu próprio país. Havia retornado e agora vive invisível, como se algo o proibisse de ser herói, talvez devido a sua cor ou falta dela. “Minha Mãe, meu Baluarte” é um romance que aborda temas como a luta pela liberdade, a importância da família e a necessidade de viver o presente.

COLUNA do Salles

Salles é crítico e consultor literário

Caminhos da Autoria: O Ofício do Escritor Independente

Em primeiro lugar, é essencial que se escreva com paixão e autenticidade. Não busquem simplesmente imitar estilos alheios ou se deixar seduzir por modismos passageiros. A verdadeira voz do escritor nasce da própria experiência de vida, do olhar único sobre o mundo. Mantenham a essência de suas histórias, por mais desafiador que seja o caminho.

O mercado editorial, especialmente no Brasil, pode ser difícil e impiedoso. Por isso, busquem compreender as ferramentas ao seu dispor, como as plataformas de autopublicação e as redes sociais, que possibilitam aos escritores independentes um acesso direto aos leitores. Contudo, não se deixem levar apenas pelo desejo de promover seus livros. O mais importante é que a obra tenha qualidade e relevância. Nenhuma estratégia de marketing compensará uma produção literária que não se sustente por seu próprio mérito.

Além disso, nunca negligenciem o processo de revisão. Às vezes, o autor se apaixona tanto por suas palavras que deixa de ver os erros ou os detalhes que precisam ser aprimorados. Buscar a opinião de outros leitores ou profissionais pode ser o diferencial para transformar um bom texto em uma obra memorável.

E não se esqueçam da força das redes de apoio. O ambiente literário, como qualquer outro, é feito de trocas, e é fundamental trocar ideias, aprender com outros escritores e viver em comunidade. O isolamento do escritor muitas vezes gera um bloqueio criativo. Portanto, busquem sempre a parceria com outros talentos e invistam no próprio crescimento.

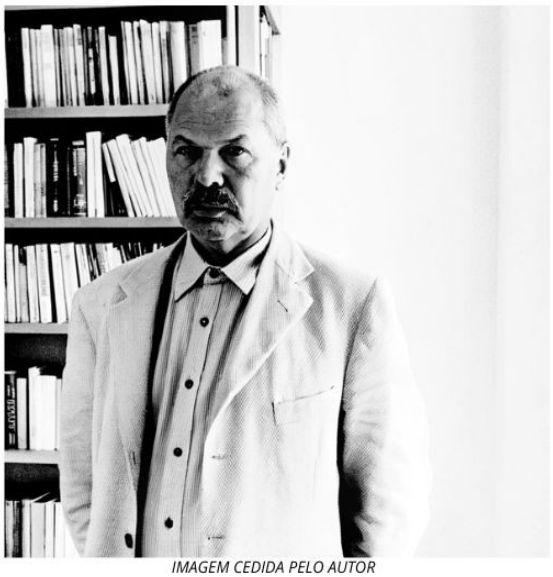


IMAGEM CEDIDA PELO AUTOR

O mercado editorial é dinâmico, e o escritor independente precisa manter uma mente aberta para as novas formas de consumo literário. Audiobooks, ebooks, e a crescente popularidade dos serviços de assinatura de livros são realidades que merecem a atenção do autor, tanto para explorar novas formas de distribuição quanto para inovar na forma de contar suas histórias.

E, por último, mas não menos importante, deve-se investir constantemente em seu próprio desenvolvimento pessoal e literário. Como não depende de uma editora que possa orientá-lo, é essencial que o escritor busque aperfeiçoamento, seja por meio de cursos, workshops, leituras de novos autores e participação em grupos de escrita.

Portanto, quando falamos sobre a "persistência" no mercado editorial independente, não nos referimos apenas à resistência diante dos desafios, mas também à adaptação, ao esforço contínuo para aprender, inovar e, mais do que tudo, estabelecer uma conexão genuína com seus leitores. Dessa forma, um autor pode não apenas sobreviver, mas também prosperar neste panorama literário em constante transformação.

DOIS POEMAS DE
CECÍLIA MEIRELES

MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.
Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

A literatura de cordel é uma das manifestações mais emblemáticas da cultura popular brasileira, especialmente no Nordeste.

A Magia do Cordel no Brasil

Trata-se de um gênero literário marcado por versos rimados, que muitas vezes retratam histórias, lendas, fatos cotidianos, críticas sociais e narrativas épicas, sempre com uma linguagem simples, direta e repleta de musicalidade. Sua importância no Brasil pode ser observada em diversos aspectos: A literatura de cordel é um meio poderoso de registrar e perpetuar as tradições orais, as lendas, os costumes e a sabedoria do povo nordestino. Os temas abordados frequentemente espelham as experiências vividas pelas comunidades, ajudando a manter vivas as histórias e os valores que as definem.

Tradicionalmente impressos em folhetos baratos, os cordéis tornaram a literatura acessível à população que, historicamente, não tinha acesso a livros. Essa simplicidade no formato e no preço foi fundamental para difundir conhecimento, entretenimento e informação em comunidades rurais e urbanas, onde as taxas de analfabetismo ainda eram altas. Os autores de cordel, ou cordelistas, sempre foram críticos atentos do cenário político e social. Por meio de suas rimas, retratam injustiças, desigualdades e eventos marcantes, denunciando problemas e educando suas comunidades. Isso torna o cordel uma forma de resistência cultural e política.

O cordel se destaca pela criatividade em contar histórias. Com suas métricas específicas, como os sextilhos e os decassílabos, e o ritmo contagiante, esse gênero não apenas entretém, mas também encanta pela engenhosidade poética de seus autores. Em 2018, a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Esse reconhecimento sublinha sua relevância para a identidade cultural do país e a necessidade de preservação dessa tradição. A literatura de cordel extrapolou seus próprios limites e influenciou outras manifestações artísticas, como a música, o teatro e até a televisão. Artistas renomados, como Luiz Gonzaga e Ariano Suassuna, inspiraram-se no universo do cordel para criar suas obras, ajudando a popularizá-lo em todo o Brasil.

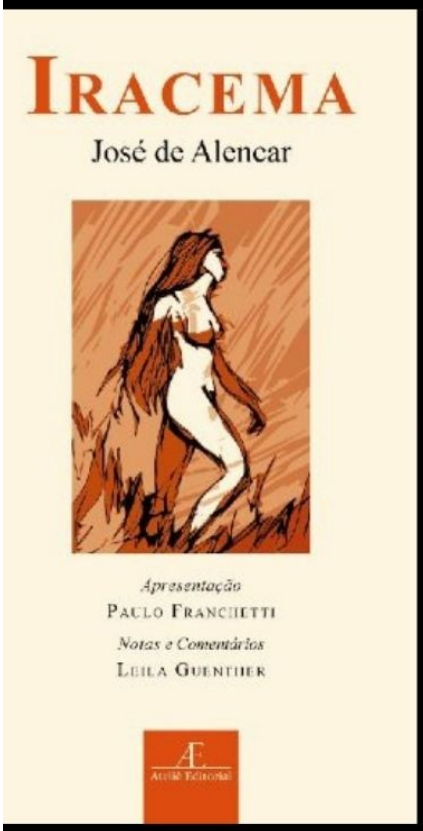
Nas escolas, o cordel tem sido usado como ferramenta pedagógica para incentivar a leitura, a escrita e o estudo das raízes culturais brasileiras. Ele desperta no estudante uma maior conexão com suas origens e promove a valorização da diversidade cultural do país. Assim, a literatura de cordel permanece como um pilar da cultura brasileira, unindo poesia, história e resistência em seus singelos folhetos, que continuam a encantar gerações e a afirmar a riqueza e a complexidade do Brasil profundo.

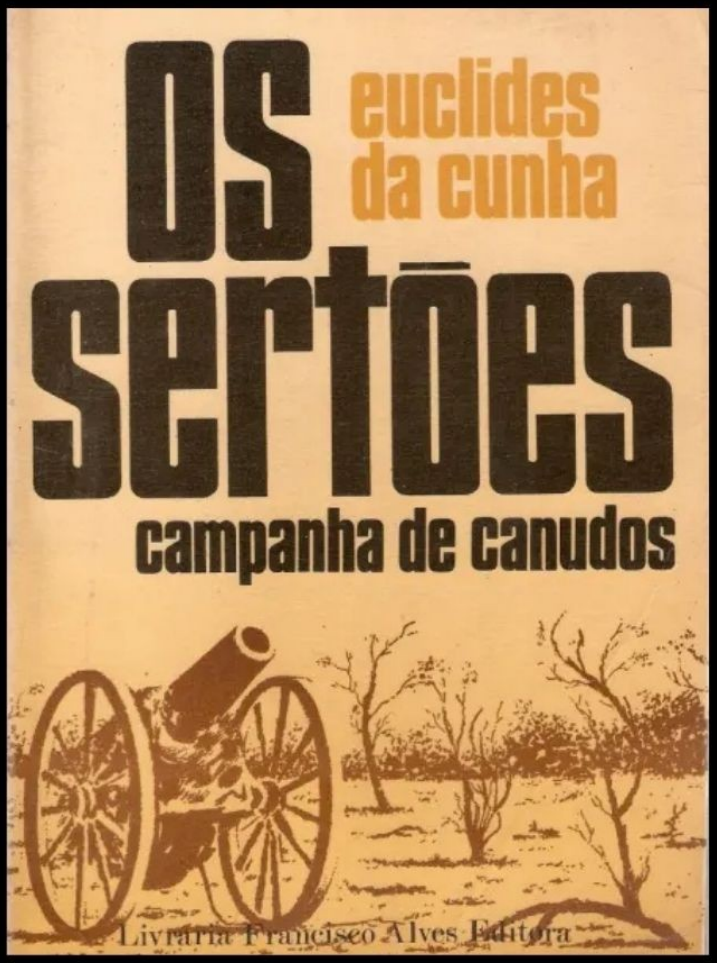
IMAGEM/REPRODUÇÃO GOOGLE

Ariano Suassuna foi o criador do Movimento Armorial, nos anos 1970, que tinha como objetivo criar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. A literatura de cordel foi um dos pilares desse movimento, ao lado do repente, do teatro de mamulengos e da música regional. Para Suassuna, o cordel representava o elo perfeito entre a tradição oral e a escrita, e, por isso, merecia ser elevado ao status de arte nobre, valorizando suas características poéticas e narrativas.

CONEXÃO

COM A IDENTIDADE NACIONAL

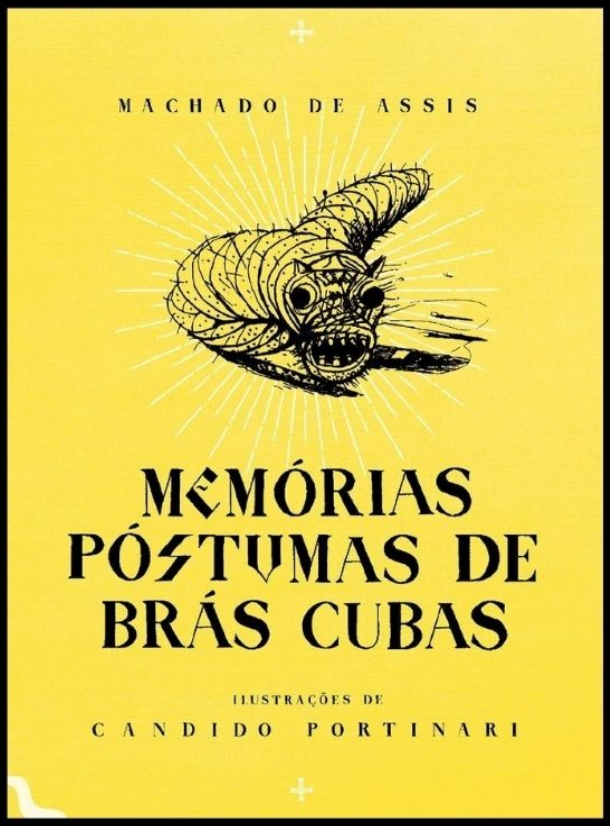


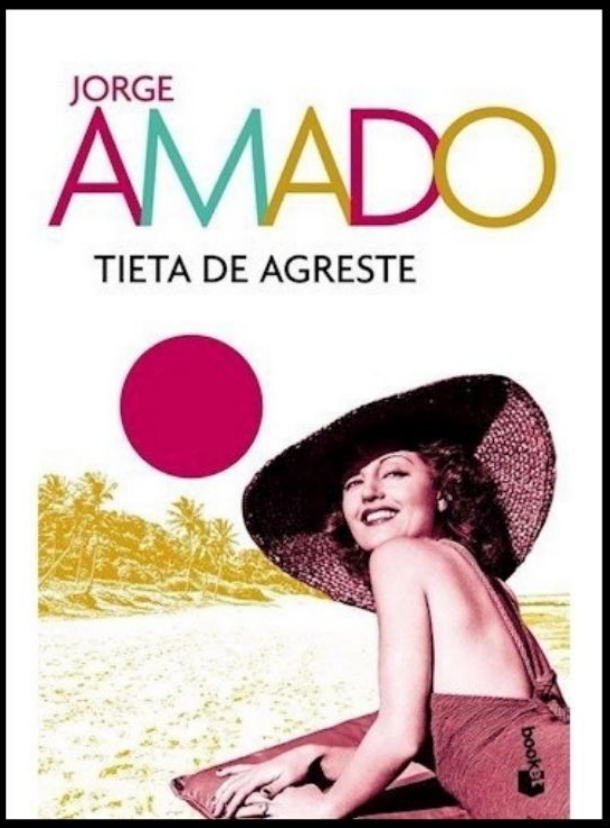


A literatura clássica brasileira é um espelho de nossas raízes culturais, históricas e sociais. Obras como "Iracema", de José de Alencar, e "Os Sertões", de Euclides da Cunha, retratam de maneira vívida as origens, as lutas e as singularidades do povo brasileiro, imortalizando cenários, dialetos e personagens que compõem o mosaico cultural do país. Ao lê-las, o leitor entra em contato com um Brasil multifacetado, assim compreendendo suas transformações, os impactos das colonizações, os dilemas das desigualdades sociais e as heranças culturais que moldam nossa contemporaneidade.

A literatura clássica do Brasil apresenta a língua portuguesa em sua plenitude artística. Escritores como Machado de Assis, Clarice Lispector e Lima Barreto transformaram a língua em uma ferramenta de beleza e crítica, explorando suas nuances e possibilidades. Ler seus textos não apenas enriquece o vocabulário, mas também incentiva uma apreciação mais profunda pelo poder expressivo da palavra. Muitas das questões levantadas pelos clássicos continuam pertinentes hoje. Temas como desigualdade social, corrupção, preconceito e injustiça aparecem em obras como "Memórias de um Sargento de Milícias" (Manuel Antônio de Almeida) ou "O Cortiço" (Aluísio Azevedo).

Essas narrativas ajudam o leitor a perceber como certos dilemas se repetem, incentivando uma visão crítica do presente por meio das lentes do passado. A literatura clássica provoca o leitor, desafiando-o a compreender contextos históricos e culturais que muitas vezes contrastam com os valores do presente. Essa interação com o texto estimula o senso crítico, necessário para analisar a realidade atual com mais profundidade e clareza. Autores como Machado de Assis, por exemplo, com sua ironia e análise aguda da psicologia humana em "Dom Casmurro" ou "Memórias Póstumas de Brás Cubas", nos convidam a refletir sobre nossos próprios preconceitos, ambições e fraquezas. Muitos autores modernos encontram nos clássicos a base de sua própria criação. Ler os grandes nomes da literatura brasileira permite compreender como estilos, temas e estruturas narrativas continuam a influenciar escritores contemporâneos, promovendo um diálogo entre épocas. A literatura é um rio contínuo, onde cada geração contribui, mas também se nutre das águas passadas. Em uma era dominada pela influência cultural de outros países, o hábito de ler os clássicos é um gesto de resistência e orgulho pela própria herança cultural. Eles nos lembram de que a produção literária brasileira é rica e que nossas narrativas, personagens e estilos não ficam aquém dos grandes cânones da literatura mundial.





A literatura clássica brasileira oferece experiências estéticas incomparáveis, proporcionando momentos de contemplação e beleza. Ao mesmo tempo, suas histórias emocionam e ressoam em nossas vivências pessoais, seja pelo lirismo de Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes ou pela intensidade de Graciliano Ramos e Jorge Amado. Ao manter vivo o hábito de ler clássicos, não apenas preservamos seu legado, mas também incentivamos as novas gerações a mergulharem nesse vasto universo literário. A valorização dos clássicos inspira leitores a buscar mais conhecimento, ampliando seus horizontes culturais e reforçando a importância da literatura como um pilar da educação. Ler a literatura clássica brasileira é um ato de imersão em nossas raízes, um aprendizado contínuo e um prazer artístico. É também um antídoto contra o esquecimento, assegurando que as vozes do passado continuem a ecoar, inspirando e iluminando o futuro. Ao incorporar essas obras ao cotidiano, mantemos viva a memória de quem fomos, de onde viemos e do que podemos nos tornar.

NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE NOSSO PERIÓDICO

AUTORES PUBLICADOS NA ANTOLOGIA CONTOS DE NATAL

vós que me lês © todos os direitos reservados

INSTAGRAM @VOSQUEMELES